

BRASIL-PORTUGAL

1 DE SETEMBRO DE 1901

N.º 63

O GUARDA MARINHA

Fernando Dubraz Mattoso Santos

Assommo o espirito e o olhar na contemplação pantheistica d'essa verde, placida e abundante paisagem que torna tão ridente o nosso Minho, só, n'uma caruagem do caminho de ferro, mal pensava eu que dentro de alguns minutos veria perturbada toda esta serenidade do espirito contemplativo! Mal cuidava que esse jornal de Lisboa, que lá abria, havia de trazer-me n'uma das suas columnas, sob a forma laconica de uma informação, uma das dôres mais lancinantes que tenho sentido, tão grande, que apesar de ser alheia a desgraça que a provocava, me pareceu minha!

E' que ao ler a noticia simples d'aquelle suicidio recompoz toda a enormidade do infortunio que elle vinha crear, vi toda uma montanha de esperanças desabar tragicamente, vi o ancio da gloria transformado n'um desalento sem remedio, vi erguer-se a Dôr como uma apparição sinistra, trazendo consigo um côro de lagrimas, vi no de cima de um tumulto rebenhar e medrar a Saudade com toda a inconsoavel e infinita amargura das suas evocações.

Entrei mentalmente n'esse lar privilegiado em que ainda horas antes a felicidade pairava sob a fórma do amor na sua expressião mais terna e carinhosa, da honestidade na sua accepção mais ampla, da intelligencia e do trabalho, na sua produção mais util, e sobretudo da esperança, d'essa esperança de um dia proximo, o unico que faltava ainda para que essa felicidade se completasse, para que nem um raio de sol deixasse de doirar-l!

Louvado Deus, como estava proximo esse dia! Distanciava-o muito ainda, é certo, a saudade, o ardentissimo desejo de que elle chegasse e trouxesse consigo o objectivo de tanta esperança, o alvo de tanto sonho, aquelle que tantos cuidados merecia, e para quem convergia o amor de tantos corações.

A irmã, que o idolatrava, revia as ultimas delicadas, pequeninas lembranças, com que elle de longe, e de quando em quando, lhe entretinha a saudade, cada vez mais viva. A mãe, como o seu querido Fernando fazia annos d'ahi a seis dias, toda se consagrava a dar o melhor do seu amor, dos seus affectos, a essa festa intima, em que nas mais pequeninas coisas fosse lembrado, acarinhado, o estremecido ausente, como se elle proprio ali estivesse, como se o seu largo e affectuoso coração surgisse á evocação do amor materno.

E o paé? Esse, por não ser o mais expansivo não seria o menos toressado n'essa festa de familia, na celebração d'esse anniversario ditoso, em que esse passado da ausencia recuava a olhos visto, á medida que se approximava a passos largos o futuro abnicionado. E todo elle se desvanecia no filho como na sua obra prima. O seu trabalho infantigavel de professor, de funcionario, de ministro, era-lhe doce, era-lhe familiar, porque todo o nome, toda a gloria que d'ahi lhe viesse, seriam partilhados por elle. Via n'esse rapaz de 23 annos a continuação da sua individualidade, o desdobraimento do seu eu, a ampliação da sua vida. Pelo seu porte, pela sua mocidade, pelas suas

qualidades, era hontem um filho querido; seria amanhã, pelo seu trabalho, pelo seu valor, um companheiro, um camarada.



EM 19 DE AGOSTO DE 1901

Foi o desabamento de todas estas esperanças, foi a derrocada de toda esta felicidade, que eu senti de choíros, como se em torno de mim a terra tremesse. E pensei que seria insensato quem tentasse consolar esses corações inconsolaveis. Parecia-me que uma Providencia sinistra e cruel porfiava em reunir todos os requintes da Dôr para ferrir e golpear quem os não merecia. O suicidio era ainda uma das formas que ella encontrava para agravar a sua crueldade. A distancia enorme a que se realisára a tragedia e a difficuldade de saber todos os pormenores desejados, a ancia d'aquelle regresso, a proximidade d'essa hora, e aquelles 23 annos floridos, um futuro tão auspicioso e um presente tão cheio de promessas, tudo, tudo, me fazia crêr incomportavel a amargura d'aquelles que tinham de a afogar em lagrimas para que ella não trasbordasse mais tragicamente ainda...

Não tendo a quem transmitir de momento estes negros pensamentos, rasguei uma folha da minha carteira, e emquanto o comboio ia cortando paisagens alegres, que me pareciam agora sombrias como a morte, tracei estes versos, pela necessidade moral de dar forma ao padecello que sentia no espirito:

Dôr suprema

...*Ut est dolor sicut dolor meus.*

*Cruciantissima dôr! Fonte de eterno luto
Que os extranhos até profundamente vibra!
A' tragica explosão d'aquella bala escuro
Corações que em silencio estalam fibra a fibra.*

*Despota inconsciente, ó morte pavorosa!
Onde foste buscar da cega força a origem,
Que basta uma hora negra, e basta uma vertigem,
Para despedaçar uma alma côr de rosa!*

*De chofre arremessaste á mesma cova escura
A mocidade d'elle e os sonhos de ventura
De quem na terra o amou com entranhado amor.*

*Porisso, igual á voz ha seculos ouvida,
Oíço uma voz de mãe bradando conjungida:
«Vêde se ha dôr que se compare á minha dôr!»*

Jayme Victor.

Depois dos desastres que destruíram a um tempo o imperio colonial da Espanha e o seu prestigio militar, uma unica politica estava naturalmente indicada a esta nação — a politica de recolhimento.

Procurar por todos os modos sarar as feridas por que sangrava a economia nacional, e refazer n'uma concentração viril mas decidida as suas forças depauperadas, tal era o programma salvador que na Europa e na America os amigos dos espanhoes lhes apontavam como a condição indispensavel da salvação do paiz.

Economia mas não monarquia, e não os processos de governo, e sobretudo renuncia completa a quichotescos sonhos de megalomania como compensação ás amputações do passado — eram os tres pontos cardeaes pelos quaes os estadistas da nação vinham deviam nortear a politica, para que ella podesse ser em proximo futuro instrumento effizaz da regeneração da patria.

Como seguiram os ministros castelhanos os desinteressados conselhos, que de toda a parte lhes chegavam com as sympathias calorosas dos que faziam votos pelo renascimento da peninsula? A historia dos ultimos tres annos ahi está a attesta-lo. A economia na administração continuá a ser a pedra d'escandalo da vida publica espanhola, e a denuncia de malversações nos diferentes serviços, tanto centras como regionaes, á força de se tornar repetida passou a considerar-se como banal. N'este ponto as cousas não mudaram depois da guerra. Talvez pelo contrario até se aggravasse, visto que com a perda das colonias acabou o vasto campo de exploração, passando a metropole a ter de alimentar sózinha a voracidade burocratica, que até agora se repartia tambem pelas possessões de além-mar.

A respeito de moralidade nos processos de governo a gerencia do ministerio Sivela basta para a aquilatar; o que não significa que o presente gabinete, com Sagasta á frente, não vá seguindo exactamente as pisadas do seu antecessor. Quer dizer, sob o ponto de vista da orientação politica, não houve mudança alguma, e a actual situação em que se achava antes da guerra com os Estados Unidos, sem nada ter aprendido, e reiniciando nos mesmos erros que de queda em queda a trouxeram até á actual situação.

Mas o esquecimento dos seus mais vitaes interesses não pára aqui. Se a politica de casa é, como vemos, imprevidente, pois está inutilizando as melhores forças para a restauração economica do paiz; a politica exterior, que não é outra, pois chega a ser desastrosa, detratada e perigosa, com risco de envolver a nação em alguma desagradavel aventura.

Se não, attente-se no que a respeito de Portugal se está passando no paiz vizinho depois da guerra. Se ha nação que tivesse abertamente testemunhado as mais calorosas sympathias á Espanha nas suas horas de infortunio, foi decerto a nossa. Por vezes chegámos quasi a ultrapassar, em vista da nossa maior sympathia, a Inglaterra, e a dar as commendações internacionaes. Como se nos pagou, porém, semelhante participação, tão sincera quanto desinteressada, nas dores da nação irmã? Primeiramente, ridicularisando-nos a proposito da declaração de neutralidade feita por Portugal no começo das hostilidades. Depois, apregoando sem rebuço a necessidade para a Espanha de se assenhorar do nosso paiz como compensação aos desastres soffridos, e publicando nos seus jornaes militares, com caracter semi-official, quichotescos planos de ataque e conquista, como se a barra da Guadiana já tivesse cahido em esquecimento a maneira por que os portuguezes sabem defender a independencia, quando l'ha ameaçam.

Finalmente e agora com caracter mais grave, porque se trata de actos do proprio governo, com as novas declarações do general Weyler, ministro da guerra, relativamente á reorganisação do exercito, accentua a Espanha a má comprehensão que os seus homens d'estado temem da situação presente.

Conforme ás palavras do proprio ministro, o governo espanhol vae estabelecer tres corpos de exercito capazes de repellir qualquer invasão, venha de que lado vier (sic). Ao mesmo tempo pensa-se igualmente em augmentar a esquadra, ou antes em constituir uma nova, que possa substituir a que a impericia do almirante Cervera deixou destruir em Santiago.

Para que são tantos armamentos de terra e de mar, quando ninguém ameaça a peninsula? Duas fronteiras terrestres tem a Espanha apenas que defender: a fronteira portugueza e a fronteira franceza. Temer uma invasão da banda de Portugal chega a ser comico. E da parte da França não o é menos. Que resta pois? A hypothese de uma invasão ingleza pelo lado de Gibraltar? Não parece mais justificada a suposição. Em todo o caso semelhante orientação da politica de Madrid só pode contribuir para alheiar sympathias á nação espanhola e despertar justificados recos nos vizinhos, além de exvasar em despesas completamente injustificadas e improductivas o dinheiro, que de tanta necessidade era para fomentar obras de paz e de civilisação.

Resta ainda a hypothese de Marrocos, onde se procure encontrar compensação á perda de Cuba e das Philippinas. Mas pensar á Espanha a sério em semelhante aventura? Não o crémus para honra da sua diplomacia, por muito miopie que ella seja e por muito alheida que teime em conservar-se do convívio europeu.

Depois de longas e trabalhosissimas negociações chegaram finalmente as potencias alliadas a um accordo com a China, que por agora vem pôr termo ao estado de meia guerra em que este paiz, depois do ataque ás legações, se conservava com a Europa. O que este accordo valerá no futuro ninguém o pode prever. Na actualidade parece que descontentos a todos os principaes paizes que d'elle foram os mais activos promotores. A não ser a colossal indemnisação de 200 milhões de taes que a China é obrigada a pagar, como compensação

das despesas feitas pelas grandes potencias por motivo das expedições militares, não se vê bem o que a Europa ganha com o accordo negociado. Os crimes que motivaram a intervenção ficaram na quasi totalidade impunes, pelo menos a respeito dos principaes responsaveis, que a estas horas se estão rindo da ingenuidade das nações do occidente. A côrte continuá a estar ausente de Pekin, quer dizer, fora da acção e da influencia dos ministros estrangeiros. Os *boxers*, longe de terem sido aniquilados, reconstituem-se nas diferentes provincias do imperio, preparando, segundo todas as probabilidades, para proximo futuro, tremenda e sangrenta intervenção. Logo que os desastrosos effeitos da esmagadora indemnisação de guerra não tardarão a fazer-se sentir, não só na economia interna chinesa, sobre a qual semelhante sangria pezará de um modo fatal, mas ainda sobre a propria riqueza europeia, por isso que os cinco por cento a mais impostos á entrada das mercadorias estrangeiras, fonte de onde hão de sahir os 450 milhões de taes (perdo de 540 mil contos da nossa moeda) no fim de contas valem para beneficiar sobre o commercio europeu, isto é, sobre as nações importadoras.

Foi o que a Inglaterra comprehendeu, embora tardiamente, oppondo-se á elevação de dez por cento nos direitos de entrada pelas allandegas maritimas, conforme a Russia pretendia.

Se ao menos a Europa podesse inscrever ao seu activo qualquer augmento de prestigio ou de força moral proveniente da desastrosa intervenção, que a furta guerreira de milhermes. H tornou inevitavel, ainda alguma cousa teria ganho a civilisação do occidente. Mas não. Se pelo lado material os alliados nada conseguiram, porisso que o pezo da indemnisação de guerra vae cair sobre o commercio estrangeiro, pelo lado moral ainda a situação d'elles mais prejudicada ficou.

Com effeito, que ideia estarão fazendo actualmente os chinezes da superioridade de uma civilisação que, em pleno seculo xx, a título de vingança as offensas commettidas por um bando de criminosos irresponsaveis e anonymos, assassinou a sangue frio, obedecendo á palavra d'ordem que trazia de Hamburgo, mulheres, crianças, velhos, trucidando sem piedade a população inerme, talando e incendiando, como se quizesse adrede resuscitar os cruéis processos da guerra medieval? Triste exemplo de decadencia moral foram as nações christãs levas á China pagã; e, oxalá que nos enganemos, mas tal espectáculo, tão pouco de molde a conciliar o respeito dos asiaticos, ainda ha de produzir bem funestos resultados. As barbaridades commettidas em nome da religião de paz e de amor que servia de bandeira aos missionarios do christianismo, ficarão de hoje em diante sendo para aquellos povos o symbolo da cultura occidental, e elles agora, mais do que nunca, alheios do nosso modo de sentir, vão ser um terrivel estorvo á propagação da civilisação occidental, tão indispensavel para o resurgimento da civilisação do Oriente que a Europa descobriu, mas que infelizmente não tem sabido educar como lhe cumpria.

Parce dura esta apreciação; mas julgamo-la justa e desapaixionada. Por se chamarem chinezes as victimas do ardor guerreiro do marechal de Waldersee, não deixam de ser homens. E ainda quando os mais vitaes interesses da Europa não aconselhassem, como melhor politica, o respeito das vidas e da propriedade na China, a voz da consciencia publica devia bradar bem alto, que um crime é sempre um crime, qualquer que seja a latitude em que se commette. Praza a Deus que a Europa não tenha que pagar com juros accumulados a funebre letra que os seus soldados subscreveram em Pekin! Oxalá que o dia do vencimento não chegue, ou se chegar, seja elle tão tardio, que outras normas mais humanas regulem já as relações dos povos entre si...

O conflicto anglo-turco, que por um momento pareceu assumir caracter accentuadamente grave, compoz-se felizmente, accetido o sultão as condições impostas pela França para a regularisação do conflicto com a empreza dos caes de Constantinopla. Era de prevér este desfecho. E se alguma cousa poude parecer extranho, foram as velleidades de Abdul-Hamid em querer resistir ao *ultimatum* dos sr. Constans.

A allargosa europeia, especialisando-se a ingleza, collocou-se com rara unanimidade do lado da França; não faltando entretanto quem quizesse ver no procedimento do sultão o resultado de intrigas allemãs ou britannicas. Mas, fosse como fosse, a questão está finda, tendo mostrado a Europa achar-se unida contra o turco, que d'esta vez nada conseguiu com os seus costumesidos processos dilatorios.

Terminado, porém, o conflicto, uma pergunta naturalmente occorre. Qual será no momento actual a situação das populações christãs do imperio ottomano, se a energia e a decisão de que a republica franceza agora deu prova, para o fim de contas resolver uma misera questão de dinheiro a favor de alguns empreiteiros gananciosos, houvesse sido posta ao serviço da causa da humanidade, quando a Turquia trucidava aos milhares crianças e mulheres armenias, animada senão protegida pelo silencio das chancellarias?

Então sim, e que um *ultimatum* da embaixada de França teria sido saudado e com razão por toda a Europa culta.

CONSEILHEIRO PEDROSO.

P. S. Depois de escriptas as palavras acima, chego-nos a noticia de que o sultão reconsiderou o que parece, pois faltou ao ajustado com o sr. Constans, o qual partiu para França, interrompendo as relações diplomaticas com a Turquia. Ao contrario do que se esperava, o conflicto agrava-se pois.

C. P.

ZAMBEZIA

Fazenda «Chuabo-Dembe»

Não se pode negar que nos últimos oito annos se tem trabalhado na nossa Zambesia mais do que em quatro seculos durante os quaes esta rica região nos pertencia, e onde, predominando até ahí a acção de regulos rebeldes e sanguinarios cuja submissão tanta vida e sacrificios custou á nação, pouca garantia encontrava a iniciativa particular.

Hoje á acção e aos capitães da Companhia da Zambesia, da Companhia do Boror, da Companhia do Assucar de Moçambique, da Companhia assucareira de Africa oriental em Marromeu, da Compagnie de Huileries & Savonneries de Mozambique, etc., se devem a animação e a vida de trabalho que vamos encontrar n'esses sertões, onde ainda ha dez annos atraz imperava a moça e a zagaia de regulos e selvagens.

D'entre estas empresas que trabalham e luctam pelo desenvolvimento economico d'aquella nossa colonia, vamos hoje particularisar a notavel e muito conhecida fazenda «Chuabo Dembe».

Banhada pelo rio dos «Bons Signaes», ou de «Quelimane», separada da villa pela avenida de circunvalação, cortada pelos canaes Namarrua e Nhama notados na carta geographica do engenheiro sr. Afonso de Moraes Sarmento, esta propriedade anteriormente á epocha que acima indicamos, era matto com todas as suas surpresas.

Hoje todo o estrangeiro que em viagem nos navios

de Dentsche Ost-Afrika-Linie, Messageries Maritimes, Aberdeen Line, etc., visita Quelimane, nunca evita um passeio ao Chuabo Dembe que com franqueza é um encanto.

Em uma extensão approximada de mil quinhentos hectares, com uma soberba plantação de coqueiros que em breve deve exceder a cem mil pés e attingir a cento e cincoenta mil, com a plantação iniciada da arvore de borracha e extensos campos para a cultura de legumes e cereaes, com uma população de mil e quatrocentos colonos, uns operarios e outros já habituados a trabalhos ruraes, e uma

manada de gado bovino como não ha outra melhor em toda a Zambesia, e finalmente com uma vivenda com os seus vastos jardins, parque, pomares, viveiros para as diversas creações, vinha de latada, etc., esta fazenda faznos honra perante os forasteiros que a visitam, e vem-nos assegurar que os trabalhos que se estão realisando em toda a região farão



Residencia do proprietario

da Zambesia uma das nossas mais ricas e importantes colonias.

O fundador e proprietario d'esta deliciosa vivenda é o subdito portuguez Francisco Antonio Dulio Ribeiro, nascido na nossa India e que ha alguns annos veiu para a Zambesia trabalhar cheio de coragem e de boa vontade. Este cavalheiro que esteve na guerra da Zambesia em 1888 onde prestou valiosos serviços ao governador geral da provincia, é dotado de poderosas faculdades de trabalho, e tem visto felizmente o resultado util dos seus exforços. O sr. Dulio Ribeiro é advogado, negociante e desempenha as funções de vice-consul dos Estados Unidos do Brasil.

AUGUSTO DE CASTILHO.



Manadas de gado vaccum passando no campo

O DESERTOR

O que hoje em Portugal pouco sabem fazer:
— Amar a sua terra e amar uma mulher!

JOEL DANTAS.

Ha romarias pelas quebradas,
Brasas ardeadas nos pinheirais;
Andam zanzadas
De namoradas
Dançando o Vira nos arraiais.

ADOLFO PORTILLA.

Cacilda Pinto Coelho de Castro

os trabalhadores passavam pela encosta, lá estava imóvel e mysterioso, com a cabeça entre as mãos e o olhar parado e amortecido.

Devia ser ainda novo aquelle homem, mas via-se bem que a dor tinha assentado n'elle, o seu ferrêto cingia o peito.

A pelle amarelada, a fronte sulcada de rugas, os cabellos de um castanho claro, apesar de empoadas, deixavam perceber bastos fios de prata que a farinha tornava baços, e o corpo que devia ter sido robusto e vigoroso, curvado sempre para a frente, como arvore acodada pelo vendaval.

Vida, só a tinha nos olhos escuros, expressivos e energicos.

Triate era o sorriso que ás vezes lhe contrahia os labios, deixando adivinhar duas fadas completas de dentes brancos e afios.

Havia quasi um anno, que elle tinha apparecido no velho moimho abandonado, e ninguem o conhecia.

Era um mysterio a vida d'aquelle triste, e no logar falava-se como se falia nas terras peguenas.

Vivia como elle um creado, mas esse se o interrogavam, nada dizia e talvez nada soubesse.

Era um rapaz de espirito, alegre como um dia de sol claro, que levava a vida tão agradavelmente quanto podia, fazendo vezes ás raparigas e namorando de todas a um tempo; não sabia de si, quanto mais dos outros...

Alguem notou um dia que o moleiro, tinha as mãos muito finas e bem tratadas, e houve mesmo quem observasse que elle lia demais, para ser um rustico simplezão.

Sem duvida, nas dobras d'aquelle blusa de panno grosseiro, occultava-se um mysterio!

Mas quem não sabe, o que são commentarios em terras peguenas?... E o povo portuguez, naturalmente sentimental e romantico, é de tal fórma inclinado á lenda...

Sentado na soleira da porta, o moleiro lá estava mergulhado na sua tristeza habitual.

No logar era noite de festa.

De dia tinha havido procissão. As ruas muito bonitas todas embandeiradas, os mastros enfeitados de buxo e de sardineiras; e no arraial uma fanfara—no corcho improvisado em um estrado de madeira, vedado por tiras de lona pintadas de verde e amarelo, e ao tordo de colmo, encaimado por um mastro, onde fluctuava a bandeira azul e branca.

Barraças com buganças, anéis de coralina, alifinetes, broches, brincos, mistura de cobre e zinco com pedras de diversas cores; assos, bacias, flautas, tambores, gaitinhas de folha pinhada, soga regas; chicotes, espingardas de madeira, bocas de louca, cavalinhos de paupeiro, e mil coisas mais que os simples admiravam e as crianças olhavam encantadas e extaticas.

Barraças de tiro, de *pin-pom pin*, forradas do pannocho encarnado com moços entapados, alvos de cartão, marquinhas, luvas, etc.

Dispersas pelo arraial, mulheres de lenços de chita ou chales, trazeidos sobre o seio, em frente de taboleiros de biscoitos, arrufadas, quicadas, pão de ló; os homens n'uma grande assafina, lavando copos e servindo limonada, cerveja e gazozas.

Debaixo de um sol ardente, as ruas apinhadas de povo—forasteiros, gente do logar; e as raparigas de vestidos novos de côres garbadas, lenços de seda na cabeça, cordões de ouro sobre o peito, afogadoras com cruzes, medalhas, e corações de todos os tamanhos aspicados de perolas e de pedras azues; os rapazes de calças apertadas, camisas encommadas e gravatas de setim ás riscas, grossas cadeias de prata, chapéus desabados e teciinho de tafetá na aligeira do casaco.

Constantemente gritava:
«Ricas cavaquinhas»
«Aguas frescas, Capité»
«O estio queijadas»

E os foguetes estalando no ar, os sinos a tocar, e todos correm, atropellam-se, empurram-se, querem passar para a frente, descobrem-se—passa a procissão.

Os anjinhos de asas brancas e cabellieras aneladas, vêm a soar: andores cheios de diablhas e verduras; os resplendores despedindo faiscas ao sol—e a Senhora das Dóres com a sua capa nova de setim azul turquesa, muito ampla, muito rodada, oscillando suavemente.

Passa o pallio—o povo ajoelha—trás a custodia o prior muito velhinho, tropeço, tordo curvado—e segue atrás a musica e uma onda de devotos n'uma nuvem de poeira.

Depois á noite, uma algazarra infernal de businas, gaitinhas e assos; e o arraial todo illuminado com balões venezianos e tigelinhas de côres; uma multidão compacta, os rapazes dirigindo graças ás raparigas e estas rindo de tordo, alegres, verdadeiramente felizes.

Al! quem nos dera a alegria d'ellas!
Por toda a parte, risos e festa!

Por toda a parte não. N'um recanto do arraial ha uma questão qualquer. O povo junta-se a vêr—vamos lá também.

Já chegam tarde, a multidão dispersa, commentado e caso. Dois rapazes á pancada. Uma scena de ciúmes.

A Rosa, uma rapariga bem bonita do logar andava a passear ao lado do namorado, e vto depois o outro e dirige-se para a igreja.

O rapaz não estava lá com mais aquellas... Dois sócos bem puxados e acabou-se a questão.

No entanto, o moleiro tendo ficado no moimho, passava agora agiadamente á beira da estrada.

Aquella alegria do povo, o ruído confuso d'aquella animação, devia fazer-lhe um grande mal. O olhar brilhava-lhe intensamente, e gesticulando andava apressadamente, o corpo direito e agil. Não parecia o mesmo.

De repente serenou, entrou no moimho, trancou a porta com mil precauções, acendeu uma vela e tirando do bolso um molho de chaves, abria vagarosamente uma mala elegante de coiro, marchetada de amarello.

De entre a roupa finissima, o moleiro tirou um rico cofre de charão com embutidos de madreperola, e trémulo e livido, quiz abri-lo, nervosamente, mas este escapou-se-lhe das mãos, e foi cair sobre o lagoado numa nuvem de cartas, de diversas cores e feittos em papel assentado.

Um retrato de mulher emergiu do meio d'aquellas cartas. Um busto pequeno, um rosto oval, os olhos grandes, a bocca sorridente de dentes brancos, muito juvenis, e um narizito á la *Rococque* que faria morrer de amores a infelizmente *l'allydand*.

Uma forte pancada na porta do moimho, fez estremecer o moleiro. Rapidamente apañou as cartas espalhadas e metteu tudo outra vez na mala, que fecho á chave—depois foi abri-la de novo.

Um homem com o rosto salpicado de sangue entrou rindo e esfregando as mãos, satisfeito.

Era o creado do moleiro.

Olharan-se e ambos se interrogaram a um tempo.

O rapaz, subitamente inquieto, volveu os olhos para a mala, fitou o amo, viu-o pallido e transtornado—e comprehendeu... Duas lagrimas saltaram-lhe dos olhos. Entretanto, o moleiro tendo enchido de agua uma celha, collocava-a de frente d'elle, interrogando-o com interesse.

Em o caso que um rapaz qualquer de fora do povoado, andava já ha tempos a namorar-lhe a Rosa e como ella lhe não dase ouvido, elle para arrear deoridem dirigira-lhe um graccio, quando andavam os dois a passear.

Conversava com a rapariga para se divertir, nunca tinha pensado em casar com ella, mas agora que o outro a queria... é que se havia de vêr qual dos dois era mais forte.

O moleiro, subitamente serio e ironico, e por fim, com uma philosophia pouco natural em um simplez, murmurou como se falasse só:

—... e sempre as mulheres, sempre ellas, assignalando as mais insignificantes passagens da vida do homem...

—... e o moimho amando longeamente uma mulher—e ella, trahindo quanto juramentos lhe havia feito, arrastára ainda na derrocada, o seu melhor amigo... quasi um irmão.

Amor e amizade, tudo elle vira desmoronar em ruinas, n'um momento!

Está provado que esta vida é cheia de altos e baixos; quando uns sobem, e outros se baixam, e riem um quando os outros choram.

Ao lado da dor, móra a alegria; a desgraça ao lado da ventura. E os dias succedem-se uns aos outros igualmente, ás trevas succede a claridade, e á tempestade a bonança.

Al! philosophia, philosophia, possuir-te, é possuir na terra o supremo bem!

Quando o perigo se approxima, é cruzar os braços em attitude estoica, e esperar o golpe a pé firme.

Soffrir, todos soffrem; agora saber soffrer, é que ponhas sabem.

E afinal, o que vêm estas considerações? Que o diga aquelle homem que além medita, encostado á hombra da porta, contemplando o céu pardacento, como a sua propria vida.

Ha muito já, que elle viu desaparecer o sol da alligeira por detras das nuvens da desgraça, e que as suas illusões resvalaram pelo abismo da adversidade, que as folhas sêccas que a nortada impelle.

Que lhe restava afinal, de uma mocidade brilhante e cheia de promessas?

Nada.

Aquellas arvores despidas, esqueléticas—eram assim, o symbolo da sua vida.

Com porém, ao outono succede a primavera, de nova folhagem aquelles troncos se cobriam.

Mas um outono d'alma, ainda apenas a primavera que passou, e pessoas ha tão infelizes que entram n'essa quadra da vida, debaixo de terríveis tempestades. Em compensação, é certo que o sol de verão pôde durar muitos dias de inverno.

Ha velhos que morrem com illusões, e novos que vivem sem ellas. Mas adiante.

O triste do moleiro philosophava—viera-lhe tarde a alligeira... tarde de manhã. Como um medico que, ás suas autopsias, assim ella de escarpello em punho, lhe ia retalhando a alma.

Dois annos antes, elle era então um rapaz cheio de alegria e mocidade.

Amava com toda a sua alma, uma mulher encantadora e simples. Uma noite, notou terrivel e fatal, guiado por denuncia repetidas, torturado por funestos presentimentos, tinha transportado a um saltador o muro da quinta em que ella habitava, e tinha-a visto passar a dois passos d'elle pelo braço do outeiro—um amigo que era quasi um irmão.

E lavavam como namorados e ella ria, ria constantemente, com os seus dentinhos, muito brancos, muito egueses...

O reytor, com a sua scintillante marmozada á luz da lua, cahira-lhe n'esse momento da mão tordo firme até allí—e louco, desviado, elle vagueou toda a noite pelos campos, e ninguem depois o tornou a vêr, nem ao creado que o acompanhava.

Amor e amizade, amor e amizade, amor e amizade, a amizade; porque, delixémo-nos de phantasias—amor que é amor—vence sempre!



S. A. o Príncipe Real, D. Luiz Filippe
Duque de Bragança

Estava mais só do que nunca, o moleiro.

O seu companheiro de infortúnio, aquelle creado dedicado e fiel, que o tinha seguido sempre n'uma vida errante e de privações—casava-se. Os attractivos da gentil Rosinha, bonita a valer que ella era... tinham afinal conseguido prendo-lo.

O rapaz queria muito ao patrão e custára-lhe a resolver-se, mas se continuava a servi-lo como até ali, não havia nada perdido.

No dia do casamento, muito antes da hora marcada, já o noivo andava todo janota de roda das amigas da Rosita, mostrando-se enamora lo de todas, *vel até ao fim*.

Um noivo, afinal, de pouco palpite.

Se a Rosa bem pensasse... Mas qual? Os velhos diziam que eram verduras da idade e raspaes quanto mais doidos, melhores maridos...

Que bem se importava a cachopa, com o que os velhos ou os novos lhe diziam!... Casava por amor e o amor vence tudo.

Só e fechado no moinho, o moleiro abriu a mala que encerrava o cofre de embuidos.

Estava firme e sereno, ainda que terrivelmente pallido.

O cabello fino e brilhante, raiado de fios de prata, levantado para tras, deixava a descoberto uma fronte rasgada e soberba. A barba cortada, o rosto cuidadosamente barbado.

Sobre um escabello e sobre a mesa de pinho, via-se um uniforme completo de official do exercito, que elle vagarosamente foi vestindo.

Na manga tinha as divisaes douradas de tenente.

Depois, reuniu as cartas espalhadas ainda pela mala, queimou as uma a uma, e subindo ao postigo do moinho, deixou as cinzas ao vento.

Quando se voltou, tinha os olhos rasos de lagrimas, e foi cambaleando que desceu a estreita escada.

Com a vista toldada, meteo o retrato no seio, cingiu a espada de aço, firmemente cinselada, calçou umas luvas brancas e sahiu.

Entretanto, a noiva com um vestido de lã cor de flor de alfazema, e mantilha de seda branca na cabeça, apanhada sobre o hombro com um ramo de flores de laranjeira, esperava impacientemente pelo padrinho, que lhe tinha prometido ir busca-la.

Quando viram entrar em logar do moleiro, um brilhante official, ainda novo, muito distincto, todos se olharam interdotos e quasi assustados.

Que vinha ali fazer aquelle militar—um fidalgo com certeza?

Este, dirigindo-se á noiva, offereceu-lhe galantemente o braço, murmurando-lhe qualquer phrase ao ouvido.

A Rosita, um tanto atrapalhada a principio, accedeu por fim radiante, mas o noivo que a esperava no adro da igreja, mal avistou o amo, empallideceu e foi encostar-se ao guarda-vento, atterado.

Na confusão do costume, o cortejo foi entrando para a sacristia, fizeram-se os assentos: e quando o padre se estava casando, que disse ao noivo collocando a mão d'elle na da noiva, elle offereceu a esquerda em logar da direita, trocou os nomes, baralhou as palavras—um desastrado, e todos a rir e a Rosita escarlate como uma romã!...

Pouco depois, sem que ninguém desse por isso e enquanto, alegremente, os loqueles e moiteiros annunciavam a festa em horas dos noivos—um elegante official, de galões dourados, rutilantes ao sol, desappraeia apressadamente na volta da estrada.

Era o desertor que ia entregar-se.

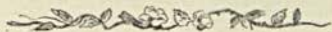
Uma mocidade perdida...

E o velho moinho, continuava agora abandonado.

Ninguém, depois do sol posto, lá passa, e diz o povo—o povo sempre inclinado á lenda—que altas horas da noite, noite velha, um militar arrasta pelo lagado uma grilheta que traz no pé, soltando gemidos e queixumes...

Ai o povo portuguez, que supersticioso e romantico é, santo Deus!

CACILDA DE CASTRO.



Quadros a oleo

pintados pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Irene Alvim filha do Sr. Mello Alvim
ministro do Brasil em Lisboa



Retrato de M.^{ma} Alvim, em costume antigo



Retrato do sr. Mello Alvim (Vienna 1890)

(1) Este delicioso conto faz parte de um livrinho publicado recentemente pela sr.^a D. Cacilda Pinto Coelho de Castro, gentilissima senhora pertencente á familia do celebre juriconsulento Pinto Coelho, de quem é netá. É o seu primiro livro, delicado, espirituoso, vivo, como a sua mocidade e á sua intelligencia, ambas brilhantes hoje a agri-nadar lha a fronte. É bem um livro feminino. Vem perfumado com a essencia mais fina que o espirito de mulher pôde exhalar—a delicadeza, que é a essencia da bondade, como á bondade é a essencia do coração.



Retrato de uma romana



Retrato do sr. Campbell em traje de phantasia

Retrato da Ex.^{ma} Sr.^a D. Irene Alvim
em traje bosneaticoRetrato de M.^{ma} Terra Vianna

D. Irene Alvim

Illustra hoje estas paginas um nome feminino, que indica um talento de verdadeira artista.

A sr.^a D. Irene Alvim, filha do illustre e actual representante do Brasil na nossa cõrte, firma primorosas telas a oleo, algumas das quaes re-produzimos.

A esta bella arte de pintar, tão difficil e ao mesmo tempo tão cheia de attractivos e encantos, consagrou-se deade muito nova, tendo feito as suas *primeiras* de amadora existiu em Vienna, sob a direcção e ensino do notavel professor Franz Zimmermann, um dos maiores pintores austriacos. As telas *signées* Irene Alvim são numerosas. Para se avaliar a singular applicação artistica d'esta amadora illustre, damos hoje apenas seis dos melhores quadros que decoram as salas do sr. ministro do Brasil, fielmente reproduzidos pela objectiva de Arnaldo Fonseca.

CHRONICAS DE MARINHA

Paulo do Rego

(1010)



Serrião é um rio d'água doce, mui capaz, que vem do sertão da terra dentro do reino do Pegú, uma legoa da cidade de Boga, como se foi dos imperadores do Pegú.

Assim diz Antonio de Bocarro na sua decada 13 da Historia da India.

Quando em principio do seculo xvii por all passou Philippe de Brito de Nicote, embaixador do Arracan para tractar da paz com o imperador Bramá e o rei de Tangi, examinou o logar, e pareceu-lhe apropriado para estabelecer uma casa forte, alfandega e feitoria onde pagariam direitos os navios mercadores. Era ainda, com annos depois de Affonso de Albuquerque, de possuir as chaves do commercio oriental, que presidira ás empresas de Ormuz e de Malaca.

Faltava-lhe porém já a feição heroica das primeiras conquistas. O nosso imperio na India decahira, porém de longe em longe, apesar da politica, da astucia, e do mercantilismo dominarem, ainda uma empresa arriscada e gloriosa demonstrava, que a velha raça portugueza não desmerecera do conceito de possuir arrojado e valentia.

N'uma das margens apanadas do delta do Pegú em breve se começou a obra da fortaleza de Serrião, com muros de taipa de duas braças de largo, em parte dose d'alto, em quadro, com quatro baluartes pequenos de pedra, e n'elles algumas peças dos navios, e com o titulo de feitoria de el-rei Mogo seu senhor, Philippe de Brito a ia vendendo prosperar, com esperanças, que dois annos depois realisou, de a entregar a Manuel de Saldanha, governador da India por el-rei D. Philippe, senhor de toda a península hispanica, de vastas, riquissimas e uberrimas colonias, e da navegação e do commercio da Africa, Oriente, e Novo-Mundo.

Com varia fortuna Philippe de Brito, o *Changá*, — como os indigenas pegús o nomeavam — que fora captivo do rei d'Arracan, e dos mais humil-dos, chegára a capitão mór d'uma fortaleza, cujo rendimento e valor commercial era opulento, e por fama d'armas respeitada.

Trazia sob o seu mando lustrosa e boa soldadesca, não lhe faltando officiaes valentes e experimentados, e todos satisfeitos com as victorias nas guerras contra mogos e bramás, orgulhosos, e brigosos por seus feitos; pagos do soldo, — maravilha para o tempo, — e ricos das presas conquistadas.

Começara Brito a envaidecer-se, e a tão alto o levou sua fortuna, que em 1607, depois dos combates navaes da barra de Negrais, e da varela de Degú, tinha captivo na fortaleza o principe de Pegú, filho do rei d'Arracan de quem Nicote fora escravo. Paulo do Rego Pinheiro fora um heroe n'esses combates, e mereço do seu esforço e galhardia a sua armada ligeira, de jalias, sanguiceis, e galeotas, — tudo embarcações de pouco vulto — tinha se coberto de gloria, e honrado o bom nome portuguez.

Após um anno de captivo juraram-se pazes solemnes, e o rei concertou-se com o capitão-mór da fortaleza para que lhe entregasse o principe sem resgate, pagando cem mil tangas, que cada uma valia duzentos e cincoenta réis, para despezas das armadas, que fizera, e que lhe desse as terras de Ligia, junto a Chitigão porto grande de Bengalia, donde para o diante esperava tirar proveito, embora fossem agora desertas e bravias, mas que trataria de povoar e cultivar.

Em Chidube, pescarias do mesmo principe, deu-se ao tractado cumprimento, recebendo as cem mil tangas promettidas.

Na sua jalia cosida em ouro, ricamente adornada a meio d'uma charola toda de vidraças, com muitas cortinas d'estremadas sedas e figuras, á voga das pangalias com que os remeiros faziam voar sobre as aguas o barquinho, recolhia-se o rei o principe os validos para a terra, que bojava perto, e onde a córte, senhores e fidalgos do seu reino, bramás e pegús seus escravos e vassallos, com gritas e tangeres de barbaros instrumentos, lhe faziam estrondoso e festivo acolhimento. Pela voga, que levava a esquadriha, mais parecia fuga, do que solenne cortejo triumphal. Salvaram os navios portuguezes, e os pelouros silvando iam aos ricochetes pelas ondas, borneadas as peças para onde o mar andava livre de festeiros, e segundo a moda naval do tempo, não dispensando na paz estes simulacros de pejeia.

Quiz a má sorte do principe, que entre o troar da artilheria uma bala perdida, — antes do fumo desasombrar a leda armada — fez cair sobre elle espedaçado o mouro, que tomava o leme á sua jalia. Retinto do sangue, que sobre elle espadanara, fulminado pelo agouro esmagador logo all jurou tirar vengança. O rei e toda a companhia forjaram intrigas e planos, e machinaram todos os males contra os portuguezes.

Com a inconstancia de selvagens, que então eram, embora dourados pelos restos d'uma civilisação que decahira, os pegús logo all esqueceram os juramentos, que tomaram, e astutos e dissimulados como orientaes, soffreram a affronta com que o aceno all os magoava, e sobre as laminaes dos crises protestavam para longe



(Desenho de L. B. d'Almeida)

ou para perto tomar crua vengança, e lavar em sangue as injurias recebidas.

E assim, dois annos apenas decorridos, tornou o rei d'Arracan com grande armada a buscar os mogos, e acirrados os odios contra os estrangeiros convocou o rei de Tangi para com copioso exercito viesse pôr cerco a Serrião. Abalou-se com mais de oitocentas embarcações de guerra, com dez mil homens rodeleiros, e novecentas espingardas. Philippe de Brito, pelos avisos que tinha, tractou de apparellhar-se para a lucta. Posta no mar a armada, que não chegava a ser de oitenta velas, das quaes uma só galeota era de coberta, — e que da India a trouxera quando fora visitar o vice-rei — ordenou ao esforçado capitão Paulo do Rego, que na ponta de Degú, como já fizera na passada guerra, esperasse e combatesse o inimigo, tendo por certa a victoria, de que a memoria do logar e o renome do capitão lhe dava bom seguro.

Em terra aprestou munições e mantimentos, distribuiu estancias e baluartes, exortou os companheiros, e confiado esperou os

invasores, que vinham talando os campos ameaçando derruir a fortaleza.

Chegou finalmente o temeroso prazo.

Alvorecia serena a madrugada d'um formosíssimo dia da monção do nordeste no golpho de Bengala, e cuja data o chronista não menciona. A costa que vai de Negrais a Serião é terra baixa, e de largos arvoredos, e junto d'ella as aguas azuladas contrastavam com a côr avermelhada dos tufos d'arbustos e palmeiras, que se debruçavam para o mar. Apesar do calmo da manhã, a ondulação do largo floroava nas rastingas agitada pela corrente; e o sol, que começava a surgir por detras dos paies e arecas, que demoravam a leste, punha chispas de fogo na alvura do escaerco rebentando na orla do baixo.

Estavam á vista as duas armadas, e a maré de cheio entrando pelos canaes do delta magestoso bastava para a frota d'Arracan fazer caminho, descida a furia do abaloar pela força da indomita corrente.

Quando o sol, como um disco de fogo, rompeu d'entre as brumas matinaes, rebumbaram os primeiros tiros dos canhões, ressoaram vibrantes as trombetas bastardas, e os sons estrididos dos tam-tams de guerra. Echoaram sonorosos os gritos dos combatentes, e o tinir dos crises e espadas reboou no concavo das rodellas e escudos. Accendia-se o combate na extrema vanguarda, travava-se depois a batalha em toda a linha; naufragavam jalias e sanguicois arrombados pelos pelouros, e as alcanzias ateavam os incendios nas velas de siba, e nos tendões de rota; cravam-se os arpeos das terríveis abodagens, que em breve iriam dicidir para qual dos campos penderia a sorte da batalha.

A galeota de Paulo do Rêgo dirigia e dominava o combate. Alterosa, fortemente guarnecida, habilmente manobrada, movida pelos remos podia escolher posição conveniente para de longe, a tiros de canhão e de pedreiro, bater d'enlaida as alas dos contrarios. Com o espôr da garja ia mettendo no fundo as jalias, que desbarvoradas e sem governo encontrava destrôadas no seu girar destruidor. Ia densa a fumada escendendo as arcaes do canhão. Não enthusiasmo da luta, cuidando mais de offender, que defender-se, e porque os marinheiros mais attendiam ao arressar das alcanzias de fogo do que ao jogar dos prumos, e porque a corrente os encostava para os baixos, ... de repente a galeota resaltou sobre uns penedos, deitou-se ao lado com a agua a galgar-lhe as amuradas, e quedou-se, inerte, enclachada sobre a lama e areia da rastinga.

Seja agora Antonio de Bocoar quem nos conte a desventura: ... deu a galeota em secco, com que veio logo atacar toda a armada ligeira do inimigo. E vendo Paulo do Rêgo sua perdição certa, estando já atracado de grande quantidade d'embarcações, não conhecendo nem vendo outro modo para o poder destrair e livrar-se a si, por se não gloriarem os inimigos de o levarem ao vivo, ou morto, deu fogo á sua galeota, com que voou feita em pedações, e todos quantos com elle vinham. E não menos voaram muitas embarcações dos mogos que estavam atracados da galeota, e morreram grande copia d'elles. Feito de tanto zelo e esforço, reputação e autoridade das estimas de sua magestade, que requeria diferentes encomios e louvores, do que a minha limitação lhe pode dar; mas não deixarei com elle de o encomendar á memoria eterna dos homens, para que viva tanto n'ella como merece quem depois de illustres feitos dá a vida...

Morto o capitão recolheu a nossa armada á fortaleza. Valeu-lhe não ter a vasante repontado, senão toda ali se perderia. Surprehendido pelo desastre, que lhe dera a victoria, o inimigo não ouzara persegui-la, e cauteloso temendo o desespero da defesa, deixara os navios acolherem-se a salvamento ao abrigo da muralha da couraça, que protegia o varadouro.

Logo ao outro dia os reis de Arracan e de Tangú apertaram o cerco á fortaleza, e Philippe de Brito após um longo assedio conseguiu lograr nova victoria.

Ha annos visitou Lisboa o rei de Sião, Chula Longkorn, e uma embaixada de grande luzimento. Ao vir os coches de gala rodando vagarosos por entre as filas do povo e dos soldados, que curiosos olhavam aquelles hospedes, malaios, de negras e fortes trunfias penteadas, e que, vestidos nos seus uniformes ingleses, nos miravam astutos e despetitados, porque os não saudavam apolheando em rojada e humilhosa cortesia; lembrei-me dos seus irmões de raça, do Pêgo, da Birmanhia, de Sião e de Malaca, e das feridas que nossas armas lhes rasgaram. Eram quasi tres seculos decorridos, e poucos se lembravam de que tinham sido os portuguezes.

E senti então saudades ao lembrar aquella passado glorioso, e o nome do Paulo do Rêgo accudiu-me á memoria como heroica recordação d'aquella epocha de gigantes.

Lisboa, 1901.

JOÃO BRAZ D'OLIVEIRA.

Esta lembrança compungida,
Que resta d'esse amor celeste,
Soará sempre em minhas vida,
Como a sineta d'uma ermida,
Que toca ao som do vento agreste!

Basta que roe o pensamento
No coração, sombrio moço,
Para se ouvir o seu lamento...
E como e alvar triste do vento,
Que accorria a voz da ermida, ao longe...

ALBERTO BRAMÃO.

Coração morto

Meu coração! Meu pobre coração!

Fazes-me frio, fazes-me frio!

Tens a tristeza de um casal vazio

Depois de uma invasão!

Teus dias de alegria, por meu mal,

Fugiram todos, a voar, em bando,

Como vão a fugir os pombos, quando

Se ouve um tiro no pomba!

Meu coração! Meu pobre coração!

Ninguém, ao ver-me os olhos animados,

Suspeita de que dobras a finados

Entre a Tristeza e a Desolação!

E Ella propria, em cujo laço eu caio,

Crê minhas alegrias verdadeiras.

.....

Que eu sou como um jazigo em fins de maio

Trago a morte escondida entre roseiras!

CASCAES, 1901.

ANTONIO BANDEIRA.



UM CASAMENTO CURIOSO



Marcella (a mulher)

Eliisa (o marido)

AQUI se teem, a ambas, marido e mulher, casadinhas ha mezes, na Coruña, enganando padrinhos, sacerdote, parentes e conhecidos. Resida Marcella em Dumbria, onde regressou depois de casada. Eliisa era allí tambem muito conhecida e por isso, ao apresentar Marcella o seu marido, Mario Loriga, primo da sua antiga amiga Eliisa, fazião fôr descobrir-se na terra que Eliisa e Mario eram uma e a mesma pessoa. E' verdade que Mario tinha o cabelo cortado, e Eliisa usava-o comprido, mas o cabelo corta-se; e que se não corta, o que se não muda, o nariz, a bocca, os olhos de Mario eram eguaes aos de Eliisa. Até o buço de Mario era o mesmo, o pequenino buço de Eliisa.

Descoberto o caso, levantado o escandallo em torno d'esse matrimonio excentrico, não ha remedio senão fugirem, e partem ambas para a Galliza de onde passam a Portugal. Apparecem no Porto, ali são reconhecidas e presas. E' do Porto a photographia que as representa: Eliisa, com os seus traços masculinos, de pé, ao lado da sua querida mulher, sentada. E o mais engraçado é que, reparando bem, Eliisa podia muito bem chamar-se Mario, porque se o fosse, não precisava mudar de typo para ser um rapaz... feio.

Acontecimento fallado e commentado em Hespanha, com echo em Portugal, não podia deixar de ser, ainda que ligeiramente, referido na nossa Revista. Inserindo os seus retratos, o *Diario Povoal* limitou-se a apresentar aos leitores: o sr. Mario Sanchez Loriga, mais conhecido em Hespanha pelo nome de Eliisa, e sua mulher Marcella, sem querer fazer nem de leve a psychologia do caso que se cifra no enlece matrimonial de duas mulheres, apesar dos direitos femininos terem... limites.

Sua Alteza o Principe Real



• Principe Real, commandante honorario do batalhão do Real Collegio Militar, a cavallo, tendo à direita o alumno commandante effectivo e à esquerda o Major Mousinho de Albuquerque, perceptor de S. A.

REAL COLLEGIO MILITAR

FUNDADO, em 2 de março de 1803, no forte e quartel da Feitoria, próximo da torre de S. Julião da Barra, pelo benemerito coronel Antonio Teixeira Rebello, commandante do Regimento de artilharia da Corte, um modesto instituto destinado a dar instrução aos filhos dos officiaes d'aquelle regimento e bem ainda aos da população civil dos arredores, foi, em 24 de abril de 1813, transformado no Real Collegio Militar, utilissimo estabelecimento que ainda hoje existe mantendo as suas honrosas tradições, prestando á classe militar relevantes serviços e tendo dado ao exercito muitos officiaes de valor e ao Estado prestimosos cidadãos.

A primitiva installação na Feitoria não offerecia as accomodações necessarias para o desenvolvimento que aquelle estabelecimento ia

nos recebessem a instrução e educação propria para o serviço das armas de cavallaria e infantaria.

Em 14 de novembro de 1848 foi o Collegio Militar para o edificio real de Mafra, sendo no anno seguinte decretado um novo plano, que teve curta duração pois foi revogado em 11 de dezembro de 1851, decretando-se então uma nova reorganisação cujos lineamentos geraes ainda hoje subsistem, com as ligeiras modificações que lhe foram feitas em 1854, sendo então elevado o numero dos pensionistas do Estado a 140, dos quaes 126 do exercito e 14 da armada.

A collocação em Mafra do Real Collegio Militar, longe e com difficéis communicações em Lisboa, deu origem a representações dirigidas ao parlamento por grande numero de officiaes de terra e mar, viúvas



Edifício do Real Collegio Militar, á Luz

tomar e por isso, em 1814, foi transferido para o edificio de Nossa Senhora dos Prazeres, no sitio da Luz, freguezia de Carnide, a uns 6 kilometros de Lisboa, edificio mandado construir pela Infanta D. Maria, filha de El-rei D. Manoel, e primitivamente destinado a hospital dos freires pobres da Ordem de Christo, que tinham ali proximo uma casa conventual, fundada pela mesma Infanta, e da qual ainda hoje existe o andar terreo e a magnifica capella-mor da igreja do referido convento.

O novo Real Collegio Militar foi, desde a sua installação e ampliação, destinado a ministrar educação aos filhos de officiaes de terra e mar, que não tivessem meios de os mandar educar e que pelos seus serviços militares tivessem merecido louvor. Havia, como ainda hoje ha, candidatos pensionistas, tratados por conta do Estado, e alumnos pensionistas, pagando adiantadamente uma certa mensalidade. Foram 45 os alumnos que, sob a direcção do fundador Teixeira Rebello, passaram do collegio da Feitoria para o novo edificio da Luz; fíxou-se provisoriamente em 50 o numero de alumnos pensionistas, numero que por alvará de 18 de maio de 1816 foi elevado a 100, sendo tambem 100 os pensionistas.

O plano de estudos adoptado em 1816 manteve-se com ligeiras alterações até 27 de janeiro de 1826 em que foi decretado um novo plano, sob cuja vigencia o Real Collegio Militar atravessou o periodo das luctas civis até 1831, em que se concederam vantagens especiaes aos que, depois de completarem com aproveitamento os estudos do Collegio, sentassem praça.

Como pela carta de lei de 15 de abril de 1835 fosse elevado a 150 o numero dos alumnos pensionistas do Estado, sendo 131 filhos de officiaes do exercito de terra e 16 de officiaes de marinha, ficando indetermido o numero dos alumnos pensionistas, não chegava o edificio da Luz, no estado em que se achava, para accomodar uma tal população collegial e por isso foi o Real Collegio Militar transferido, n'esse mesmo anno, para o edificio da extincta congregação dos missionarios, denominado de Ribafolles, sito em Lisboa.

Em janeiro de 1837 houve uma larga remodelação dos institutos de instrução militar, organisando-se a Escola Polytechnica, transformando-se a Academia de fortificação, artilharia e desenho na actual Escola do Exercito e acabando o Real Collegio dos Nobres, cujos alumnos foram transferidos para o Real Collegio Militar, onde um novo plano de estudos os regulava no sentido de que os seus alum-

de militares e outras pessoas, que pediam a transferencia d'aquelle estabelecimento para Lisboa ou suas proximidades. Estas representações obtiveram deferimento em 1859, determinando-se que o Real Collegio Militar fosse de novo installado no edificio da Luz, onde se fizeram as reparações convenientes.

Sem contar varias modificações feitas em 1862, 1866, 1867 e 1869, decretou-se, em 14 de junho de 1870, uma radical reorganisação do Collegio Militar, transformando-o n'uma escola completa de infantaria e cavallaria, não só para officiaes, como tambem para officiaes inferiores e sendo-lhe annexado o Azylo dos filhos de soldados, que havia sido organizado em 1862. Foi então o Collegio transferido de novo para o edificio de Mafra, a fim de permitir a execução do novo plano.

Essa reorganisação, porém, foi mandada suspender logo em 27 de setembro do mesmo anno e, pela carta de lei de 27 de dezembro, derogado o decreto de 14 de junho, voltando a vigorar o plano anterior. Em 1873 foi o Collegio Militar novamente transferido para o edificio da Luz onde ainda actualmente se conserva.

Alem do plano de estudos decretado em 14 de julho de 1875, publicou-se, em 3 de novembro de 1886, um novo regulamento litterario tendo em vista harmonisar os estudos do Collegio Militar com o curso geral dos Lyceus centraes do reino, de forma que houvesse perfeita equivalencia entre as materias professadas no Collegio e as dos lyceus, a fim de serem validos n'estes os attestados dos exames feitos no Collegio.

A reforma geral da instrução secundaria, decretada em 27 de dezembro de 1894, determinou a elaboração d'um novo regulamento litterario do Real Collegio Militar, que começou a vigorar em 3 de outubro de 1895 e pelo qual os estudos n'este estabelecimento são regulados por forma idêntica á dos lyceus centraes do reino.

O numero dos alumnos pensionistas do Estado que, como dissemos, fôra, em 1854, fixado em 140, mantem-se hoje ainda o mesmo; o dos pensionistas que, em 1887 fôra reduzido a 100 e em 1891 a 60, foi elevado, em 1897, a 70, em consequencia de varios melhoramentos feitos no edificio permittirem o alojamento de mais alguns alumnos; por decreto de 15 de agosto de 1898, foi ainda o mesmo numero elevado a 80, dos quaes são exclusivamente destinados a filhos dos officiaes de terra e mar, que pagam a pensão mensal de 55000, 65000 e 85000 reis, conforme os paes são subalternos ou capitães,

officiaes superiores e officiaes generaes. Os 20 restantes são destinados a candidatos, cujos paes ou tutores se obrigem a satisfazer a pensão mensal de 205000 réis em quartes adeantados.

O edificio em que está installado o Real Collegio Militar tem soffrido varias modificações e ampliações que transformaram um pouco a primitiva traça interior, de que conserva, porém, as linhas geraes.

Com a frente voltada para o norte, na qual se notam a cruz de Christo, uma imagem da Virgem e uma inscripção latina, por baixo do escudo d'armas da Infanta D. Maria, onde se refere o primitivo destino do edificio, tem este a forma d'um rectangulo com dois pavimentos, fazendo saliencias na face posterior e na do nascente annexos



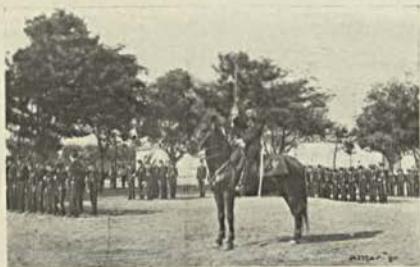
General Moraes Sarmiento General Pimentel Pinto, Ministro da Guerra
Major O Principe Real
Mousinho d'Albuquerque

construidos posteriormente. No centro existe um grande claustro empedrado e rodeado d'uma especie de galeria em arcos de pedra.

No primeiro pavimento, ao rez-do-chão para a frente e um pouco elevado, na parte de traz, sobre o terreno da cerca, estão installadas: na face da frente, a sala de visitas e gabinete do director, a secretaria e o gabinete do sub-director; nas outras faces, a sala dos officiaes e varias dependencias do servico interno do Collegio, tues como refeitório, cosinha, bibliotheca, sala d'armas, etc. Fronteira à porta de entrada e na face sul do claustro começa uma larga escadaria que conduz ao pavimento superior.

N'este, ao centro da face sul, ha uma pequena capella com um bello retabulo; n'essa mesma face e nas restantes estão installadas as camaratas dos alumnos e varias aulas. Em annexos ligados com a face sul e construidos ha poucos annos estão installadas: no de nascente a camarata e aulas dos alumnos admitidos em cada anno no Collegio, que frequentam a 1.ª ou 2.ª classes e que estão sujeitos a um regimen especial; no annexo do poente estão installadas, no pavimento inferior, as aulas de physica e de sciencias naturaes, e no superior a aula de desenho e a de geographia.

A enfermaria está estabelecida, a pouca distancia do edificio principal, n'um palacetto que pertenceu aos condes de Mesquitaella e que com a vasta quinta que o cerca, foi ultimamente adquirido pelo Es-



O batalhão escolar marchando em continencia ao Principe Real



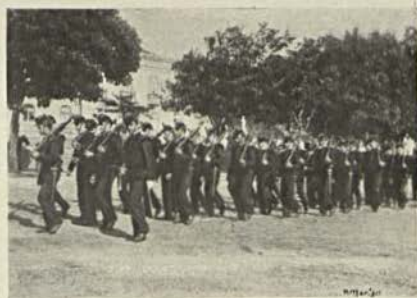
General José Estevão Moraes Sarmiento
Ministro de Estado Honorario — Par do Reino
Director do Collegio Militar

tado e devidamente adaptado aquelle destino, devendo-se esse incon-
testavel beneficio ás persistentes instancias e esforços do actual director, o Sr. Conselheiro José Estevão de Moraes Sarmiento.

O jardim annexo ao palacio-enfermaria, foi destinado aos exercicios de gymnastica e esgrima ao ar livre, tendo-se feito para tal fim uma vasta *terrace* de beton; a quinta serve para n'ella se exercitarem os alumnos nas corridas a pé. Na mesma quinta se installarão os jogos de *lawn-tenis*, de *cricket*, e outros de força e destreza.

A instrucção de equitação é dada n'um picadeiro estabelecido n'uma das dependencias do antigo convento dos freires de Christo, achando-se tambemahi as cavalleirias, etc.

Estas rapidas indicações não podem dar uma idéa completa das diversas installações do Real Collegio Militar, mas d'algumas d'ellas as gravuras juntas mostrarão aos leitores que estão organisadas com o todo desenvolvimento necessario para um estabelecimento d'aquella ordem,



O batalhão escolar em marcha

evidenciando-se o cuidado e as attentões que os seus successivos directores lhe tem dedicado, salientando se entre elles, d'uma forma notavel, o actual, Sr. Conselheiro José Estevão de Moraes Sarmiento, que durante a sua proficiente administração tem procurado transformar completamente o Real Collegio Militar, não só na parte material, como na parte instructiva e sobretudo na educação physica na qual se seguem os preceitos hoje mais preconizados pelos especialistas.

A direcção do Real Collegio Militar tem sido sempre exercida por militares com larga folha de servicos e notoria competencia. Assim o primeiro d'elles foi o seu fundador, o benemerito brigadeiro Antonio Teixeira Rebello, pertencente á arma de artilheria e que exerceu aquelle cargo até 5 de outubro de 1825, em que falleceu, sendo então marechal de campo.



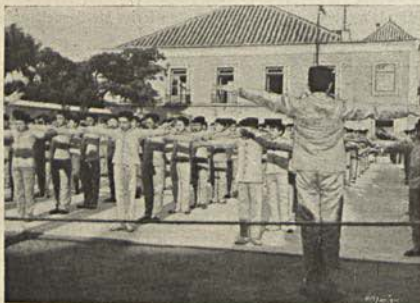
Exercícios de ciclismo

Sucedeu-lhe Candido José Xavier, que, tendo exercido por duas vezes o cargo de ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra, foi, em 14 de outubro de 1825, nomeado director do Real Collegio Militar, cargo que exerceu até 1 de junho da 1828, emigrando pouco depois para Inglaterra d'onde voltou com D. Pedro IV, que em janeiro de 1833 o encarregou da pasta do reino e pouco depois da dos estrangeiros, cargos que exercia quando morreu repentinamente em 13 de outubro d'aquelle mesmo anno.

O terceiro director foi o coronel de artilharia Pedro José Santa Barbara, que exerceu aquelle cargo desde 9 de maio de 1829 até 24 de julho de 1833, tornando-se notavel a forma como se houve no seu desempenho durante os tempos dificeis que precederam e acompanharam a guerra civil, impedindo, apesar de ser partidario de D. Miguel, que fossem exercidas quaesquer vindictas politicas ou desigualdades contra os alumnos cujos paes militavam no exercito de D. Pedro IV.

O quarto foi o coronel de engenheiros Agostinho José Freire, um dos companheiros de D. Pedro IV e seu ministro da guerra e da marinha, o qual exerceu a direcção do Real Collegio Militar desde 15 de outubro de 1834 até 24 de setembro de 1836.

O quinto director, desde 10 de fevereiro de 1837 até 30 de agosto de 1848, foi o brigadeiro João José da Cunha Fidié, que, tendo to-



Exercícios de gymnastica—Movimentos livres

mado parte em todas as campanhas desde 1809 até 1814 e tendo feito parte da divisão expedicionaria ao Rio de Janeiro, foi em dezembro de 1821 nomeado governador d'armas da provincia de Piahy, onde teve de sustentar porhiada lucta contra os partidarios da independencia até que, sendo obrigado a render-se, e ficando prisioneiro, D. Pedro IV o restituiu á liberdade e lhe permitiu que voltasse para Portugal em 1828.

Seguiu-se-lhe o coronel de engenheiros Evaristo José Ferreira, que exerceu o cargo de director desde 30 de agosto de 1848 até 3 de novembro de 1851, homem notavel pela sua vasta erudição e conhecimentos pedagogicos, socio da Academia Real das Sciencias, e que havia sido lente da antiga Academia de fortificação, artilharia e desenho, d'onde passou na mesma qualidade para a Escola do Exercito.

O general Augusto Xavier Palmeirim exerceu por duas vezes o lugar de director do Collegio, sendo a primeira desde 6 de novembro de 1851 a 1 de dezembro de 1856, e a segunda desde 31 de maio de 1859 a 18 de novembro de 1869.

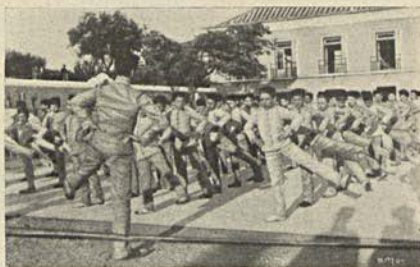
No tempo decorrido desde 11 de dezembro de 1856 até 31 de maio de 1859, foi director o antigo lente da Escola do Exercito, brigadeiro Francisco Pedro Celestino Soares, cujos trabalhos correm impressos nas *Memorias da Academia Real das Sciencias* e que foi

auctor d'um *Compendio* militar, em seis volumes, que serviu de texto para o ensino na Academia de fortificação, artilharia e desenho.

Ao general Palmeirim, quando pela segunda vez foi exonerado da direcção do Real Collegio Militar, succedeu o coronel de cavallaria Antonio José da Cunha Salgado, que exerceu aquelle cargo até 11 de outubro de 1870 e que foi um dos officiaes mais prestantes e de mais variados conhecimentos que tem tido o exercito portuguez.

Desde 17 de outubro de 1870 até 30 de setembro de 1871 foi director o coronel de artilharia Carlos Barcellos Machado, a quem succedeu o general José Paulino de Sá Carneiro que desempenhou a mesma commissão desde 12 de dezembro de 1871 até 20 de novembro de 1879, dia em que foi substituido pelo coronel de engenheiros Caetano Alberto Sori que em 15 de dezembro de 1881 passou a director geral da engenharia militar, sendo substituido na direcção do Real Collegio Militar pelo tambem coronel de engenheiros Joaquim Antonio Dias, o qual, pelo mesmo motivo do anterior, foi exonerado d'essa direcção em 6 de junho de 1883.

Seguiu-se-lhe o então coronel de artilharia Francisco Maria da Cunha, hoje general de divisão, antigo ministro da guerra e ha pouco tempo enviado extraordinario ao Brasil, o qual desempenhou aquella commissão desde 27 de junho de 1883 até 26 de janeiro de 1891,



Exercícios de gymnastica—Movimentos livres

sendo substituido pelo coronel de infantaria Emilio Henrique Xavier Nogueira, o qual pediu a sua exoneração em 24 de março de 1898.

N'esta data foi nomeado o actual director do Real Collegio Militar, então coronel de infantaria e hoje general, José Estevão de Moraes Sarmento, ajudante de campo honorario de S. M. El-Rei, ministro de estado honorario e antigo alumno do Collegio, onde tambem exerceu depois, quando tenente, o lugar de secretario. E' um dos officiaes mais illustrados do exercito portuguez, escriptor militar de primeira plana, profundando sempre todos os assumptos de que se occupa com incontestavel proficiencia e são criterio, como o attestam numerosissimos artigos publicados na *Revista Militar*, de que é director ha muitos annos. Promotor de justiça n'um dos conselhos de guerra de Lisboa, evidenciou ahi o seu aturado estudo e os seus profundos conhecimentos de direito penal militar; como director da Escola Practica de Infantaria em Mafra revelou n'esse cargo não só o seu feição disciplinador, como tambem os seus conhecimentos profissionais; elevado aos conselhos da corôa com a pasta da guerra prestou ahi, apesar da sua curta gerencia, assignalados servicos promulgando medidas importantes e valiosas, entre as quaes se destaca a actual lei do recrutamento e respectiva regulamentação, diplomas esses que tem merecido louvores de todos; finalmente na direcção do Real Collegio Militar os melhoramentos introduzidos mostram bem a solicitude, a actividade e os conhecimentos que possui esse distincto official.



Exercícios de patinagem

Neste numero publicamos algumas gravuras referentes ás provas finas dos exercicios de educação physica no anno lectivo de 1900-1901, que se realisaram no dia 11 de julho ultimo, com a assistencia de S. A. o Principe Real D. Luiz Filippe, do sr. ministro da guerra conselheiro Pimentel Pinto, e de numerosos convidados e outras pessoas que concorreram a assistir áquelle acto.

O programma d'essas provas annuaes foi dividido em duas partes. A primeira realitou-se, ás 4 horas da tarde, no largo em frente do edificio e consistiu na formatura do batalhão collegial para ser passado em revista por S. A. o Principe Real, seu commandante honorario, depois do que executou a marcha em continencia, uma serie de fogos por descargas e vivos, a continencia final e o desfile para o collegio; seguiram-se exercicios de velocipedia em grupo executados por alumnos do 4.º, 5.º e 6.º annos e exercicio individual por um alumno do 5.º anno.

Houve depois um intervalo para o jantar dos alumnos que foi presidido por S. A.

As 6 horas começou a segunda parte do programma, realiado no gymnasio do Collegio e que constou:

1.º *Gymnastica elemental* — Movimentos livres, por alumnos do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º annos;

2.º *Egrima* — Cortezias de florete, por alumnos do 5.º e 6.º annos;

3.º *Gymnastica elemental* — Marcha dos gymnastas — Cadeia gymnastica — Espiral, por alumnos do 1.º e 2.º annos;

4.º *Egrima* — De bayoneta, em classe, por alumnos do 5.º anno;

5.º *Patinagem* — Exercicios em grupo — Corrida de fitas, por alumnos do 3.º e 5.º annos;

6.º *Gymnastica applicada* — Saltos, por alumnos do 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º annos;

7.º *Egrima* — De pau, em classe, por alumnos do 6.º anno;

8.º *Gymnastica applicada* — Lucta de tracção, por alumnos do 1.º e 2.º annos — Assalto ás arvores e ao mastro, por alumnos do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º annos;

9.º *Gymnastica applicada* — Corridas de velocidade por alumnos seniores e juniors, na extensão de 200 e 150 metros, por alumnos do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º annos — *Tiro* — De besta, por alumnos do 5.º e 6.º annos.

Não houve provas de equitação, de assaltos em esgrima e de tiro reduzido, por essa instrução pertencer aos alumnos do 7.º anno, que não havia ainda no Collegio, em virtude da applicação da ultima reforma da instrução secundaria.

Todos estes trabalhos foram excellentemente executados, sendo muito apreciados por todos os assistentes e sendo unanimemente re-

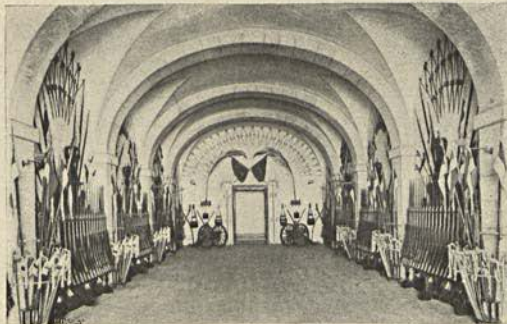
conhecidas a aptidão e a competencia dos respectivos instructores, os srs. capitão Pacheco Simões, tenente Mourão e alferes Portugal.

Os resultados obtidos na applicação litteraria, bem como a educação physica que recebem, são prova cabal de quanto no Real Collegio Militar todos, desde o director até ao official menos graduado, se esforçam por manter, quando não elevam, os bem fundados creditos d'este estabelecimento que é hoje unanimemente reconhecido como um modelo no seu genero e que todos os annos recebe novos melhoramentos de forma a tornal-o cada vez mais perfeito e completo.

FERNANDO MAYA.

O POETA CHIADO

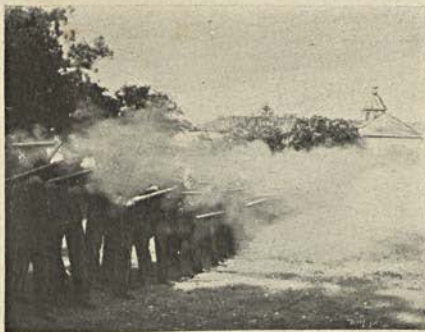
(Monographia do sr. Alberto Pimentel)



Real Collegio Militar — Sala d'armas

vas, respira-as, embriaga-se com o seu perfume, mas depressa as regeita. Abi se encontrava o principe dos botequins nacionaes, o decantado Marrare de Polimento, onde se reuniam homens de letras, de bolsa, de salão e de estrebaria — plúmptivos e pintalegrêtas, vadios e politicos, trabalhadores como a formiga rabiga e ociosos como a cigarra ao sol. Abi conflua a ligeira cohorte dos sagitarios do theatro de S. Carlos e a solida milicia do ditetantismo opposicionista e pateante. Entre o café e o cognac, forjavam-se muitas luctas e muitas tragedias; entre dois charutos, decretava-se o Capitolo ou a Rocha Tarpeia a muitos cantores famosos; entre duas orchatas, traçavam-se muitos planos de campanha — amorosa; entre duas facadas ao bilhar, urdirm se muitas conspirações, que depois rebentavam no theatro lyrico, e a que D. Carlos Mascarenhas punha termo pespugando com os conspiradores fóra da plateia.

Depois dos thestros, havia um movimento, um sussurro continuo, apenas quebrado pelo estampido das garratas de Champagne, não mais effervescente e vivaz que a jovialidade teitante dos frequentadores. A's portas d'este café primacial, viam-se, frequentemente, Sant'Anna e Vasconcelos — um Achilles sem calcabar vulneravel, D. José Coutinho, mettendo os pollegares nas cavas do collegio para mostrar todos os seus recursos de elegancia, Alexandre Villar Perdiges, D. João de



Exercicio de tiro



Exercicio de esgrima

Menezes e outros — toda a fina flor dos janotas, todos os que vestavam seller seus pleitos com uma rubrica physiologica.

Estava-se no tempo em que os rapazes eram tão promptos no marginal como no pugilato, em que escreviam tão bem um folhetim como faziam uma peça de comédia, em que sabiam empunhar uma espada no campo de batalha como um florete no campo do duello, em que raptavam uma bailarina com a mesma facilidade com que desafiavam os bancos da plateia de S. Carlos n'uma tormentosa noite de padeada; em que tinham convicções inquebrantáveis, enthusiasmos sagrados, entousiasmos apáidas, e, sobretudo, em que tinham imitar os fingidos de outras eras, tão admiravelmente synthetizados no typo do valor aristocratico e elegante do verso emaneado:

Liberal, cavalleiro, enamorado!

Hoje, nada d'isso existe. Succedeu ao espirito dos rapazes o que aconteceu á finança nacional — falliu. E a philuciosa rapaziada, capitulada de triumphadora nas conjuras de lencador e nos preitos das elegancias, escrophulisa-se nas pastelarias, toleja nas salas, patarata nos sportmans e cretinisa-se nas repartições publicas.

Os frades de pedra do Chiado, a que se encostavam os sécios, tinham a sua lenda. A sua lenda, fambem, tinham os paquetaes do Chiado, uns gírgotes errados e noctivagos, que viviam de fazer recados, e de levar epistolas a Cupido e objectos ao prego; o Meyrelles, os Phocas, o Nini, o Lérias, o Rei Bambas, o Meio-Arratel, o Manzerico, etc. Até os moços de fretes do Chiado se diferenciavam dos dos outros sítios, porque chegavam a ser capitalistas... de nau e corda, e tanto que o recém-fallecido Bosta — o ultimo que restava dos tempos aureos — deixou n'uma conta de réis aos seus herdeiros. Até as meamas lamas d'esta rua chic deram as nuncas de uma cor aos caprichos da moda e foram cantadas pela poesia realista:

*Oh, lamas do Chiado, oh, lamas do bom tom,
Eu quizerá fazer-te um bello poema com
A verde de Musset e o vir de Gavarni!*

Os petizétras da actualidade, os que, transformados de animaes de luxo em bestas de tiro, puxam o relucente carro da Moda, supprimiram esta ladeira do seu itinerario elegante. Para a geração hodierna, para a geração que se entretém a deitar chá no rãas das gerações precedentes, o Chiado é apenas uma expressão geographica.

O Chiado era o coração de Lisboa. Mas, como o Sganarello de *Molière*, *non evens changé tout cela*, e deslocámo-lo para a Avenida. E a edilidade lisboense — que, ha um bom par de annos, tem os miolos ausentes em parte incerta — trocou o nome de rua do Chiado pelo de rua Garrett.

Depois de falarmos no Chiado, rua, temos de falar no Chiado, poeta. Ha longo tempo já que os letrados posaram este problema: Se foi Antonio Ribeiro o Chiado, poeta humoristico do século xvi, que deu o nome á rua, ou se foi a rua que deu a alhunha ao poeta. Este problema acaba de ser resolvido satisfatoriamente pelo illustre escriptor sr. Alberto Pimentel. A benemerita Empresa da Historia de Portugal editou uma monographia devida á pena erudita d'aquelle paciente investigador, em que se prova, documentalente, que foi o poeta que deu o nome á rua.

A rua do Chiado, anterior a 1755, correspondia á parte que is até a Cordoaria Velha (actual rua Ivens). D'ahi para cima denominava-se rua Direita das Portas de Santa Catharina, nome que conservou até ao século passado.

O poeta Antonio Ribeiro o Chiado tem alguns pontos de similitude com José Agostinho de Macedo — o rabido controversista, o folleticario acido, o jornalista violento e vinolento, o esgrimidor de completio biologicamente lusitanico. Ambos os fradepios atiraram com as caesandulas ás ortigas e com o habito por cima dos mochos para poderem bandarrear sem empacho, pagodear ao sabor do appetite. Todavia, o padre José Agostinho — que surgiu n'um momento historico muito outro d'aquelle em que appareceu o poeta Chiado — possuia illustração mais vasta e a bôssa da combastividade extraordinariamente desenvolvida. D'ahi, as questunculas exhaustivas, os despiques arremangados a que se entregou, e em que, ordinariamente, transformava a penna em marmelheiro manobrado com energia barroza, a ponto de escangalhar o paliao ao rival ou de o pôr em lencos de vinho.

Antonio Ribeiro o Chiado era poeta repentinista de trovas jocosas e burlescas, entreschadadas de moralidades, e actor imitador, porque sabia simular as vozes de diferentes pessoas. Além d'isto, era bargante acaendrado, um brejeiro *à primo cartello*. Foi elle quem acolcheteou ao nome de Camões o raspido *sobriquet* de *Trinco Fortes*. Por este feizo de prendas, mereceu a popularidade e a bemquerença das gentes do Chiado.



Real Collegio Militar — Aula de desenho



Real Collegio Militar — Aula de ciencias naturaes

O sr. Alberto Pimentel deu-se ao trabalho de seleccionar algumas anedotas muito salpimentadas, proprias para desopilar o baço, e onde se retrata, a primor, o espirito zahhofoiro d'aquelle ribaldo. Reproduz tambem uma carta do poeta airado, descrevendo a entrada do bispo de Coimbra em Lisboa, carta que o sr. Alberto Pimentel justamente classifica de charge, de caricatura escripta.

Até hoje, todos ou quasi todos sustentavam que fôra o vate patasco que recebeu o cognome da rua onde morava. Affirmávam-no Cunha Rivara no *O Panorama*, Innocencio no *Diccionario Bibliographico*, o *Diccionario Popular de Pinheiro Chagas* e varios escriptores, excepção feita do sr. Brito Rebello, que, n'um artigo inserto no jornal *O Chiado*, em 1898, concordava com a opinião expendida pelo sr. Alberto Pimentel em 1889, que já assim pensava, quando prefaciou e annotou as obras do poeta, então publicadas n'uma edição especial. Mas o que, n'aquelle tempo, constituia uma hypothese, é hoje uma certeza baseada em documentos, que o sr. Alberto Pimentel interpreta com uma hermeneutica aceitavel.

A monographia sobre o poeta Chiado enfileira-se ao lado de outras obras historicas do mesmo autor: *As amantes de D. João V*, *A ultima corte do absolutismo em Portugal*, *A Corte de D. Pedro IV*, *Sangue Azul*, etc. E' mais um estudo curioso e proveitoso com que o indefesso homem de letras dota a litteratura nacional, é mais um trabalho que se addiciona á extensa lista das produções do sr. Alberto Pimentel, que soube conscienciosamente ganhar as suas esporas de ouro nas luctas, nem sempre incruentas, das letras e do journalismo.

PISTO DE CARVALHO (Tinop)



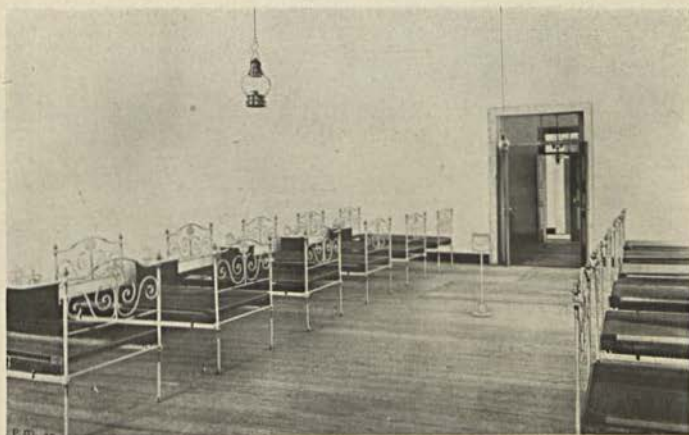
Real Collegio Militar — Aula de physica



Real Collegio Militar — Refeitório — Lado onde se sentou S. A. o Principe Real



Real Collegio Militar — Entrada para a enfermaria



Real Collegio Militar — A enfermaria

A eloquencia tem exigencias imperiaes; o cuidado do estylo induz a certos sacrificios do pensamento.

RENAN

Os homens admiram nos seus semelhantes as bestialidades que os annices recusam fazer.

ROBERTO DE FLERS

Os juizes absolvem os ebricos que batem, ferem e matam; o que quer dizer, que o vicio desculpa o crime.

A natureza fez o appetite, o homem inventou a gula.

EUGENIO CHAVETTE

O paradoxo consola-nos ou vingá nos da verdade.

Os ingleses começam sempre as suas colonisações por um Banco; os hespanhoes por uma egreja; os francezes por um café-concerto.

ARNAULD GALOPIN

MODAS

Fig. 1

Toilette de passeio

Para mudança de estação embora o outono ainda esteja distante, apresentemos hoje às nossas gentis leitoras, uma *toilette* linda e da maior novidade.

A saia em setim preto, com um alto folho em fôrma, tem como enfeite, sete vezes do mesmo setim orlados por um estreito galão dourado.

Casaca Luis XV em panno preto com pintas, forrada de seda branca e ornada em baixo, como a saia, com sete ordens de vizes de setim preto e estreitos galões dourados. Gola e cabeção em setim branco bordado a matiz, genero Pompadour. D'este cabeção que se prolonga até quasi á cintura, nasce uma dupla romeirinha em setim branco enfeitada com galões dourados.

A manga muito larga em baixo e tambem guarnecida com galões dourados, tem um tufo de renda de Veneza, crua. *Chemisette* da mesma renda.

Um bello e elegante chapéu em velludo preto ou feltro, enfeitado com uma grande pluma e um laço do setim preto preso por uma fivella, completa esta linda *toilette* outomnal.

Fig. 2

Penteado para senhora nova

Davos hoje ás elegantes que nos lêm um delicioso penteado que tanto pôde servir para baile como para theatro ou concerto. Não vac bem á certo em todas as phisionomias, mas na nossa sociedade ha tanta carinha bonita em que elle ficará a matar que, não resistimos ao desejo de o apresentar e de o aconselhar.

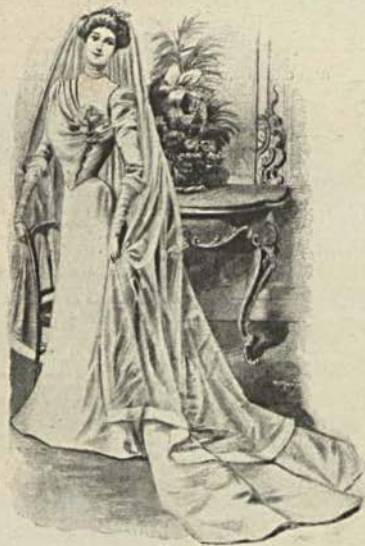


Fig. 4

E' deveras esquisito e gracioso com os seus pequenos bandô á *la folle femme*, os lados muito tuçados, levantados e sustidos por duas enormes rosas brancas que emolduram a phisionomia. Ao alto da cabeça um pequeno *chignon* preso por uma laçada e um diadema de fita de velludo preto que, partindo das duas rosas vem sair no alto do *chignon*, formando ali um laço.

Fig. 3

Jaqueta para meiaestação

Em panno preto com grandes bandos de seda branca ás pregui-nhas, podendo usar-se aberta ou fechada.

Gola alta com voltado em seda branca ás pregas e equal guarnição na manga, que é *directa*, com *pattes* pespontados ao alto.

Uma dupla ordem de botões na frente.

Fig. 4

Vestido de noiva

A simplicidade é o distinctivo das noivas. E' porisso que este vestido é tudo o que ha de mais simples e porisso mesmo de mais elegante.

Todo em setim branco tem uma cauda em separado, muito longa.

A saia cortada em fôrma, muito justa, tem uma prega na cauda, o que permite usal a sem a longa *trame*.

O corpo em ponta adiante, desce em graciosas pregas sobre o hombro direito e fecha á esquerda com um farto *choux* de fita, e uma pequena grinalda de flores de laranja-ira.

As mangas em setim até ao cotovello terminam por um alto punho de franziada.

Completa a *toilette* um vaporoso véu de *tulle* preso por um diadema de flores de laranja-ira.

O interior da cauda, em baixo, é guarnecido por quatro ou cinco folhos de seda recortados.



Fig. 1

gaze todo franzido. Gola alta tambem coberta de gaze

Defendem-se mais os privilegios que os direitos, de tal modo o amor proprio é inferior á justiça.

Para colonisar não basta ter o solo, a força e o dinheiro; é preciso tambem ter cabeça, coração e braços.

O peor resultado das nossas doencas moraes é tirar o dever de nos amarmos.

Fere-se mais um amigo pela moderação no elogio do que pelo excesso na critica.

A sciencia não é mais do que um instrumento, bom ou mau, segundo o estado moral de quem o possui.



Fig. 3

BRASIL PORTUGAL

REVISTA QUINZINAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Texte e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50Paginas supplementares: 02.º Edição Nunes & F.
Rua d'Assumpção, 18 e 24

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Loriz Tavares

Editor — Luiz Antonio Sanchez

Redacção e Administracão — Rua de S. Roque, 125
Eml. telegraphica — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno.....	Moedas brasileiras.....	Anno.....	7500
Numero avulso.....	3000	6 meses.....	2500
		3 meses.....	1500
		Numero avulso.....	500
			4500
			500

SUMMARIO

Fernando Mattoso 'Dubraz dos Santos' — JAYME VICTOR.
Politica Internacional — CONSIDERII PEDROSO.
Zambézia — AUGUSTO DE CASTILHO.
O desertor — CAELDA DE CASTRO.
Quadros a oleo, pintados pela Ex.^{ma} Sr.^a D. IRENE ALVIM.
Chronicas de marinha — (Paulo do Rego) — JOAO BRAZ DE OLIVEIRA.
Versos — ALBERTO BRAMAO.
Coracao morto — ANTONIO BANDEIRA.
Casamento curioso — As duas hespanholas presas no Porto.
S. A. o Principe Real, a cavallo.
Real Collegio Militar — FERNANDO MAYA.
O poeta Chido (Monographia do sr. Alberto Pimentel) — PINTO DE CARVALHO (Timop).
MODAS.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
O nosso proximo numero.
Capas para o 'Brasil Portugal'.
Cartas da Quinzena.
Tauromachia — EGYDIO D'ALMEIDA.
Anecdotas.
O NOSSO JORNAL — (A quinzena noticiosa).
O CEGO — Romance de PERO Z GALDÓS.

35 Illustrações
UM BRINDE

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO — R. PAULO — Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodorico Fago de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alameda, 4. robrado.
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.
PARAIBA — J. B. dos Santos — Livraria Classica — Rua João Alfredo, 50.
MANGARIBES — Jayme e Camara — Livraria Classica — Rua Guilherme Moreira.
MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.
CEARA — Salles Torres & C.
SABIA — José Luiz da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 38.
CAMPESINA — Carlos Pinto & C. (Livraria Americana).
PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C. (Livraria Americana).
RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C. (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.
MORAMBES — Joaquim Teixeira de Assumpção.

QUELLMANE — Henrique Jorge de P. Neves
BENGUELLA — Mathews & Tavares
LOURENÇO MARQUÊS — P. Bernardo Heitor da Silveira da Lorenza.
BOLAMA (Guiné) — Cesar A. Gouveia da Silva Romem, Theoureiro geral da Província.

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Francesa — Rua Alfredo de Albuquerque.

No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 20.
ÉVOA — (Agente geral em Évora e no Sal Luis Freire Correia, Rua da Ladeira, 15.
BEJA e VENTE — J. B. S. Carvalho.
PONTE DE LIMA — Gama, Amara & Com.
GOIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1.º.
CAST. LEO BARCO — Pa. (10 Augusto Pessoa).
BRANES — Antonio Augusto Salgueiro.
ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
ALCOBACA — José Narciso da Costa.
PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde.
LEIRIA — Manuel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques da Oliveira.
VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.
CORUCHI — José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
FAHO — Mays & Irigoso.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

O n.º 64 do Brasil-Portugal, o dia 16 d'este mesmo mez, abrirá com um bello retrato de

MAC-KINLEY

o Presidente da Republica dos Estados-Unidos da America, agora ferido pelo revolver d'um desvairado.

Dará tambem o retrato de

EDUARDO PRADO

o illustre escriptor brasileiro, ha muito residente em Paris, e cuja morte prematura em S. Paulo, onde estava de visita, acaba de

consternar todos os que lhe conheciam e apreciavam o seu bello espirito de elite, a sua variadissima illustração de homem de sociedade e de homem de letras.

Acompanhando o seu retrato, o Brasil-Portugal dará um artigo firmado por uma senhora, que é hoje honra e gloria da litteratura contemporanea, a distinctissima escriptora

D. Maria Amalia Yaz de Carvalho

cuja sala Eduardo Prado frequentava, sendo recebido com a mais cordel estimã.

E a primeira vez que esta Revista tem a honra de inscrever o nome de D. Maria Amalia entre os seus collaboradores, e fal-o com a alegria e o orgulho naturaes a quem recebe uma grande honra.

Do illustre brasileiro, hoje morto, e das relações litterarias que elle manteve sempre com a grande escriptora, encontrou o Brasil-Portugal ensejo de poder offerecer aos seus numerosos leitores algumas surpresas litterarias e artisticas.

No n.º 64, o Brasil-Portugal occupar-se-ha tambem do importante acontecimento industrial que constituiu o lançamento do viaducto do elevador do Carmo, devido á engenhosa iniciativa de

Raul Mesnier

Provenem os preciosos Vinhos
de Adriano Ramos Pinto

Além do seu retrato, daremos varias gravuras da manobra e o aspecto da Rua do Carmo, na occasião de se lançar a ponte.

Ainda entre outras novidades, algumas que calámos propositadamente, o **Brasil-Portugal** começará dando os retratos dos portugueses ultimamente condecorados com a Legião de Honra pelo governo francez, a proposito da nossa representação na Exposição de 1900, e nos congressos realisados n'aquella capital.

Neste mesmo numero, ou no seguinte, occupar-se-ha o **Brasil-Portugal** do ultimo beneficio prestado pela Assistencia Nacional aos Tuberculosos, ministrando banhos ás creanças escrofulosas na praia da Trafaria, onde Sua Magestade a Rainha, a generosa iniciadora da Assistencia, é esperada em visita, muito breve.

CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A empresa encarrega-se de fornecer aos srs. assignantes do **Brasil-Portugal** capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e do 2.º anno da Revista, ao preço de 800 réis cada capa; e sendo a encadernação por conta da empresa, 1\$200 réis cada volume.

No Brasil custa cada capa réis 5\$000.

Os pedidos podem ser dirigidos a esta administração ou ás agencias do **Brasil-Portugal**.

Cartaz da Quinzena

D. Maria — E' com uma peça nova, original de Marcelino da Mesquita, que reabre o theatro normal, no dia 18 de outubro.

Trindade — Reabre hoje, como dissemos no ultimo numero, com *O Rico do Papagayo*, magica em *reprise*, e a seguir *El-Rei Daminado*, sendo o papel do Rei feito pela gentil actriz Loppiccolo, e *Os Sinos de Corneville*, para debutar de um actor-amador, o sr. Almeida Cruz, que fará o papel do protagonista.

Bua dos Cordões — A empresa que o vae explorar este inverno, tencioná pôr em scena o *Gato Preto*, de Eduardo Garrido e Borges de Avellar, sendo o scenario, todo novo, pintado por Eduardo dos Reis.

A época inaugura-se com uma peça nova. Fazem parte da companhia a actriz Beatriz Rente e os actores Valle e Silva Pereira.

Avenda — Vae completar a 50.ª representação o *Cabo da Gaxarola*. Meio conto já é uma bonita conta para peccosos... e para magics.

Colysée dos Herceiros — A época de inverno começa no dia 21, com o debut de uma grande companhia equestre, gymnastica, acrobatica e comica, de que farão parte as ultimas novidades artisticas, que tem apparecido nos circos das principaes cidades da Europa, como Londres, Paris, Marselha, Barcelona e Madrid, onde o intelligente empresario, o sr. Antonio Santos, foi pessoalmente contral-as.

TAUROMACHIA

Campo Pequeno

Inauguraram-se as touradas no mez d'agosto com o beneficio de Torres Branco e Manoel dos Santos, realisado em 4. Os touros que os dois toureiros toreraram na sua festa, pertenciam ao dr. Manoel Duarte Laranjo, de Gouchê, que os vendeu, e crêmos que para liquidar. A *ganaderia* irá pôndo com dono todas as outras vezes que ainda tem.

E' para lastimar que assim succede porque os touros d'este *ganadero* foram sempre nobilissimos e muito fazeis de tourear, como exhibentemente o demonstraram aquelles 10 que se lidaram no Campo.

O unico defeito que tinham era o serem talvez um pouco *cornalones*, mas isso corrigisse facilmente porque lidando se os touros emboldos, cortam-se-lhe os *pitones* e assim ficam ás hastes mais curtas.

E foi o que se fez a alguns dos que usavam o chapêu de dois bicos demasiado compridos.

Como já dissemos os 10 Laranjos portaram-se bizarramente acreditando o nome do dono.

No toureio dado a esses bichos ha a extremar o brilhante trabalho de Fernando d'Oliveira, o mestre do toureio a cavallo, no 1.º em que esteve colossal de arte e bom engenho.

Serra menos feliz mas muito diligente, conseguindo applausos que tambem se concederam a Eduardo Lopes de Macedo, que é um novo, voluntario e arrojado.

Enquanto aos bandarilheiros darêmos o primeiro logar a Torres Branco que no 5.º, um bellissimo touro *colorado*, poz 5 pares do muito effeito.

Os seus collegas tambem diligenciaram botar figura *cablando* com as bandarilhas, a pé e na cadeira, e até flameando o capote e a moleta com grandes desejos de *quedar bien*.

O demônio foi o José Martins, ao manejar o trapo rôdo, ser colhido por um dos bichos e *quedar-se-lhe* sobre a *corná* primeiro, e no chão depois, ficando tão magado no traizeiro que teve de conservar-se inactivo até final da corrida.

Por este facto o valente toureiro perdeu tambem a corrida de 11 em Santarem, onde se fez substituir.

Para terminarmos, diremos que no principio da tourada appareceu na arena o bandarilheiro Manoel dos Santos, que brindou os seus collegas que o tem substituido em algumas das suas corridas *lira*, com bonitas medalhas de ouro, havendo n'essa occasião sermão de lagrimas, apertados abraços, carinhosos beijos etc.

—Depois d'um interregno de 15 dias veio o bom equitador Joaquim Alves a fazer o seu beneficio na mesma praça a 18 d'agosto, com touros do Emilio de raça portugueza e hespanhola. Ambas as castas honraram o nome da *ganaderia*, havendo no entanto um bicho que era muito bonito, o 5.º, que sahio peor do que os outros.

O beneficiado toureou a contento *fazendo* gala das suas notabilissimas faculdades de equitador.

Fernando d'Oliveira, toureou com toda a arte e portencia, recebendo applausos nutridissimos e ovação protuberante. Victorino Frêdes, o celebre *aficionado* tauromachico das Galdas da Rainha, e desvelado protector e mestre de Joaquim Alves, farpçou o 1.º touro com muita arte e luzimento, bandarilhando o tal 5.º com desejos de *quedar bien*. Dois outros amadores, os srs. Mario Duarte e D. Luiz Lúmares, alternaram com Victorino na lide do 5.º, e portaram-se excellentemente no ultimo que *pareceram* com boa vontade e excellente resolução.

O espada era o matador *Lagaritillo*, que sendo frio e apathico, tem poucas condições para agradar aqui, mas é sem duvida perfeitissimo no que faz. Dos nossos, sobreshiou o Theodoro nos *quites* aos *rejonedores*.

Lêvou-se a effeito esta tarde, na praça do Campo Pequeno, a festa artistica do bandarilheiro Filipe Thomaz da Rocha, que tirou um excellent resultado do espectáculo que promoveu, tanto na posse artistica como na posse financeira.

Posto que os touros que apresentou, procedentes da antiga *ganaderia* do conde de Sobral, não fossem d'uma bravura extrema nem facilitasse as fainas dos lidadores, o certo é que, como já dissemos, a função agradou.

Da lide a cavallo, confidamos a Fernando d'Oliveira, a Simões Serra e Eduardo Lopes de Ma-

cedo, sobreshiou o primeiro artista, podendo especialisar se tambem o segundo, que teve um touro difficil, em que aguentou serenamente uma temivel recarga, que retribuiu com um ferro monumental a *garupa*.

Lopes de Macedo é um novato e como tal se portou, porque pizando o terreno aos touros e não calculando as viagens, resultou que, *ou fez sem touro*, quando quer cravar, ou então é tocado quando castiga.

Na primeira sorte que intentou, a *tira*, o sobral apalhou-lhe o peito do cavallo e, levantando tudo ao ar, deixou depois cair no chão cavalleiro e o corcel, que ficou de pé.

Macedo nem sequer se desequilibrou na sella, o que demonstra a sua resistencia em segurar-se e quanto frio que possuia ante o perigo.

Depois insuflou-se com alguns ferros, bonas e medianas d' mistura, que lhe valeram palmas de *sympathia*.

Enquanto ao trabalho executado por Fernando d'Oliveira, pelo que lhe tem visto fazer ha uns tempos para cá, crêmos que o titulo que *Santonillo* lhe deu de mestre do toureio a cavallo é justissimo e bem cabido.

No 1.º touro, que era um *mansote*, com tendencias para fugir, e o resto das qualidades inherentes aos *carreiros*, Fernandinho limitou-se a procural-o, *sempre d'acordo* com *os regros da arte*, transpando-o com um unico ferro quebrado com toda a lei.

Reapparecendo na lica para farpçar o segundo a *classificação*, deitrou-se entao com um animal toureavel, mas não facíl, em que de delicioo o publico e os que *distinguem* com farpas quebradas d'alto a baixo, e dois curtos prezos no mesmo estylo, o segundo dos quaes foi maravilhoso, pelo extraordinaria arte de que o sorte foi revesitada.

No toureio a pé houbremo com Fernando em arte a *classificação* o novel bandarilheiro Filipe Rocha, que em pouco tempo galgou postos sobre postos, estando hoje a occupar um dos mais invejaveis logares entre os peões lusitanos.

Final, donairros e elegante, *cablando* dois pares e *carreou* outros dois no 5.º, que resultaram de primeira ordem, e depois no mesmo touro *tirou* muito poucas passes de muleta, mas ao parecer, bem dados, porque a sua natural elegancia os disfarça.

No 7.º cravou um par de palmo, bom, e Jorge Gadeite outro da mesma classe e tambem *carriando*.

Este *diestro*, como os outros, *correu* bem e bandarilhou acertadamente o 2.º com Theodoro Gonçalves, que estando monotonico com as bandarilhas, se excedeu muito habilmente na *braga*, ouvindo muitas palmas por esse ingrato trabalho.

Torres tambem o secundou razoavelmente e bandarilhou a preceito um touro.

José Martins, ainda côxo da colhida que sofreu em 4 de mez anterior, bandarilhou o 3.º touro da primeira parte, e no ultimo deu homem por si, pois que edou a vez ao famigerado *diestro* insulano Luiz Canario.

O filho do velho Calabaça, Silvestre, n'aquelle 3.º aguardou a sahida de joelho em terra e depois, a pé, *cabliou* um par desigual. Cumpriu depois em outros, *carriando*.

No ultimo, alternou com Canario, que deixou modestamente dois pares e meio, um dos quaes foi a *setra*.

Os forcados levaram lambada velha e ouviram palmas positivas e negativas.

Da direcção, encarregou-se o bom do Manuel dos Santos, que não podendo ainda bandarilhar, ajudou o seu collega Rocha, na mira em que podia ser-lhe util: o desempenho do cargo de *intelligente*.

Muda a boa verdade que se diga que o Manoel se desempenhou capricho de ingrato legar, levando a função a bom termo sem manifestações contrarias que aliás se esperavam.

E. d'A.

Uma actriz, já entrada em annos, representa um papel em um drama da actualidade.

—Perce-me que estou na idade mediata d'ella ella.

Uma voz na platéa:

—Ha de perdoar, mas na idade madura é que está!

Uma côrte sem mulheres é um anno sem primavera, é uma primavera sem rose.

Francisco I.º (rei de França).

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

Família Real

Continúa em Cintra Sua Magestade a Rainha, que só no meado do mez partirá para Cascaes. El-Rei tem feito varias viagens, pelas costas do paiz, no seu *yacht* *D. Amélia*, tendo-se demorado alguns dias em Lagos e Villa Real de Santo Antonio, assistindo nos exercicios navaes da esquadra portugueza.

O sr. Infante D. Afonso, irmão d'El Rei, voltou da sua viagem ao estrangeiro, bastante melhor do ultimo ataque que soffreu. Sua mãe, a Rainha viuva, depois de ter estado em Aix-les-Bains, foi para a Italia, onde tem visitado diversas cidades, demorando-se umas semanas em companhia de sua cunhada, a Rainha Margarida, a viuva do mallogrado Humberto I. de Italia. Dentro em dois dias partirá para Carlsbad, na Alemanha, e só regressará a Lisboa em novembro, pois ainda vae a Paris.

Diz-se que a Rainha Margarida combinou com Sua Magestade vir a Lisboa pagar-lhe a visita.

Eleições

Estão marcadas para domingo 6 de outubro as eleições geraes para deputados, segundo a nova lei eleitoral, promulgada em dictadura.

Regimen bancario no Ultramar

O Governo, para assegurar a facil transição do actual regimen bancario para o novo, que adjudicou, em concurso, ao Banco Ultramarino, o privilegio da emissão de notas e de obrigações predias, decretou que até 30 de novembro continuem os privilegios antigos conferidos áquelle banco em 1876 e 1893.

Eduardo Prado

A noticia da morte, em S. Paulo, d'este illustre escriptor brasileiro, ha muitos annos residente em Paris, foi communicada aos jornaes de Lisboa, pelo seu amigo o distincto escriptor Ramalho Ortigão, na seguinte carta:

Sr. redactor,

Julgo dever communicar a V. que, por telegramma recebido hoje no Brasil, acabo de saber que falleceu, na cidade de S. Paulo, hontem, 30 de agosto, victima da febre amarella, o insigne escriptor, muito meu presado amigo, Eduardo Prado.

Pela rara elevação do seu talento, pela sua profunda e vastissima erudição, pela graça tão flexivel da sua penna, pela elegancia das suas maneiras, pela nobreza do seu trato, pela finura do seu gosto subtilizado na convivencia de longas e successivas viagens atravez de todo o globo, Eduardo Prado tinha seguramente um dos mais indiscutidos e mais eminentes logares entre os primeiros intellectuaes do seu tempo.

Tendo vivido, já como diplomata, já como *touriste*, em New-York, em Washington, em Londres, em Paris, em Roma, em Florença, em Berlim e em Madrid, Lisboa era para elle a cidade predilecta, em que a amizade lhe fazia encontrar a carinhosa e familiar doçura d'uma segunda patria.

Rogo-lhe, sr. redactor, que queira tornar publica a noticia que lhe transmitti, afim de que possam em Portugal prestar hoje á memoria de Eduardo Prado o seu devido tributo das suas lagrimas e todos aquellos que como eu o conheceram e o amaram.

Lisboa, 31 de agosto de 1901.

De V. etc.

Muito affectuosamente agradecido

Ramalho Ortigão.

Exercicios navaes

A divisão naval, que largou do Tejo esta quinzena para o alto mar a fazer varios exercicios, terminou-os hoje, devendo regressar a Lisboa dentro em tres dias.

As primeiras manobras fizeram-se em frente de Cascaes. O inimigo, figurado por dois torpe-

deiros, portou-se valentemente, e era tal o nevoeiro n'esta madrugada, que, por um pouco, não mettem a pique os navios. Depois houve exercicios de tiro e um simulacro de ataque a Lagos, no Algarve, com desembarque de forças.

Aos exercicios, em frente de Cascaes, assistiu o ministro da marinha de bordo do *yacht* *D. Amélia*, onde estava El-Rei. O ministro voltou para Lisboa no dia seguinte, e El-Rei seguiu para o Algarve, onde assistiu a todas as manobras, que lhe agradaram. Eram companheiros de El-Rei todos os officiaes de marinha da sua casa militar e o Marquez de Soveral, nosso ministro em Londres, dias antes chegado de Inglaterra a bordo do *yacht* do rei Eduardo VII, que, por uma generosa invexividade, o pôz ás ordens do nosso representante para essa viagem.

Nos ultimos dias dos exercicios em Lagos, entravam n'aquella bahia duas esquadras inglezas, que haviam partido de Vigo para o mar alto, tambem em exercicio, e que sabendo da estada ali dos navios portuguezes, correram a cumprimental-os, saudando El-Rei. Houve enfim troca de cumprimentos da maior cordialidade.

Os commandantes dos navios foram recebidos a bordo do *yacht* pelo soberano, a quem foi offerecido no navio chefe um jantar, e no navio do 2.º commandante um almoço. El-Rei offereceu depois um almoço a bordo do seu *yacht*.

Hoje, domingo, houve de manhã, ás 10 horas, na praia, uma missa campal, rezada pelo capellão de infantaria 15. Assistiram a essa cerimonia, que foi imponente e brilhante, o monarcha com um luzido estado maior, o regimento de infantaria, a força de cavallaria, 400 homens de marinha com a officialidade disponivel dos navios portuguezes, e perto de 1:000 marinheiros inglezes catholicos.

Um suicidio

A noticia telegraphica, chegada de Londa esta quinzena, de que o guarda marinha Fernando Dubraz Mattoso Santos, filho do illustre ministro da fazenda, se havia suicidado, produziu enorme impressão.

O moço official era muito novo. Estudante distincto, querido de seus paes e adorado por sua unica irmã, intelligente, vivo, com uma bella carreira deante de si e uma fortuna pessoal, que lhe havia sido legada por um parente proximo, tudo lhe sorria. De repente, sem se saber a razão, agarrou n'um revolver e suicidou-se, sem deixar um unico bilhete.

O primeiro telegramma era laconico. O sr. ministro da marinha, ao receber o telegrapho, pedindo a sua confirmação. Esta não se fez esperar. Então, antes de dar a triste nova ao seu collega, que, a essas horas, estava dando audiencia ao corpo diplomatico, no ministerio dos negocios estrangeiros, cuja pasta tem por interinidade, o sr. Teixeira de Sousa foi communicar ao chefe do gabinete, que reuniu todos os seus collegas. Varios alvites appareceram sobre a fórma de preparar o espirito do conselheiro Fernando Mattoso Santos para a triste realidade, resolvendo-se por fim o ministro da marinha encontrando-se com elle á secretaria dos estrangeiros, e dizer-lhe que o ministerio estava reunido em sua casa á espera d'elle.

— Em minha casa? exclamou o sr. Mattoso Santos.

E quando entrou, como que tendo logo a inspiração da fatalidade que o esperava:

— Meu filho morreu?

Foi então que os collegas lhe disseram os poucos pormenores que havia sobre a morte do mallogrado official.

O desolado pae partia n'essa mesma noite para o Luso, a contar á esposa e á filha querida a desgraça que havia ferido. Quando na noite seguinte regressou a Lisboa, esperavam-no a cereja, n'uma manifestação silenciosa, mas imponente, muitas senhoras, os ministros com suas esposas, alto functionalismo e grande numero de amigos e admiradores do sr. ministro da fazenda.

Varias hypotheses se aventou, é claro, a respeito d'este suicidio, que se attribue, mais logicamente, a um dos terribes effeitos da poluição. Já mezes antes, Fernando Mattoso fôra atacado d'uma febre intensa, sendo encontrado uma

vez com mais de 40 grãos pelo commandante da divisão naval.

O seu cadaver é esperado no primeiro paquete d'Africa occidental.

O *Brasil-Portugal* dá hoje o retrato do mallogrado mancebo.

Manobras militares

As manobras que vão fazer-se este outomno, tem por campo de batalha uma região entre Cintra e Carcavellos. Tomam parte 10:000 homens com duas brigadas distinctas, uma com os effectivos completos, sob o commando do general Pimentel, que se opporá ao inimigo, e outra figurada por forças sob o commando do novo general de brigada Vieira.

O programma é o seguinte:

1.º dia—Inicio da marcha pela ponte d'Alges e bivaque em Trajouce.

2.º dia—Combate offensivo da brigada contra a força que representa o inimigo, que vem por Linho, na estrada entre S. Pedro e Alcabediche, nas immedições da ponte d'Alges, sobre a mesma estrada.

3.º dia—Combate offensivo do inimigo contra a brigada.

4.º dia—Revista geral das forças por Sua Magestade El-Rei. Retirada a quartéis.

Não ha plano. Os generaes tem plena liberdade de acção para fazerem o que lhes aconselharem as circumstancias do combate.

VARIAS NOTICIAS

Lisboa—Dois acontecimentos importantes para o movimento da capital se deram no mesmo dia.

Hontem, lançou-se o viaducto que liga a muralha do Carmo ao ascosor de Santa Justa. Foi um trabalho esplendidamente ideado pelo engenheiro e pelo espirito de Raul Mesnier e posto em pratica, com o maior acerto, pela industria portugueza, representada pelos srs. Cardoso Darget & C.º

Da manobra feita e do merito que ella provou, dil-o ha no proximo numero o illustre escriptor e professor Marrecaes Ferreira, que firma o artigo com que o *Brasil-Portugal* acompanhara as gravuras em que a objectiva photographica do nosso collaborador reproduziu o acto do lançamento da ponte e o aspecto da rua do Carmo, apinhada de povo n'essa occasião.

Com esta festa de trabalho, que correu brillantemente, coincidiu a inauguração das carreiras dos americanos, movidos pela tracção electrica.

Por ora, essas carreiras limitam-se á linha do Caes do Sodré até Alges; mas ainda esta quinzena se alargará por toda a cidade, na parte em que os fios estão já collocados.

Os carros todos novos, são bonitos, e á noite produzem um lindo effeito; o pessoal está todo encadernado de novo, e o publico tem feito uma verdadeira ovação aos carros, porque os tem encontrado completamente. E' difficil apanhar lá um logar.

—A colonia brasileira na capital festejou o anniversario da rainha Guilhermina, com um almoço offerecido, no Mont'Estoril, pelo consul d'aquella nação, o sr. C. George.

Foi agraciado com o titulo de fidalgo cavalleiro da Casa Real o sr. Carlos Maria José Sarmento de Sousa Pires, por direito hereditario.

—Passaram para o Instituto Bacteriologico os servicos de vacinação contra a raiva e os servicos anti-diphthericos.

—O governo negou o pedido de sete banheiros da praia d'Alges, que requeriam a exploração, por 50 annos, de todas as praias do Estoril até S. Julião da Barra.

—Regressou de Melgaço o sr. conselheiro Manuel Afonso Vargas, ministro das obras publicas, que foi obsequiadissimo e festejado durante a sua viagem pelo Norte.

Passou no dia 24 o 7.º anniversario da morte de Oliveira Martins. A viuva do grande escriptor mandou rezar missas por sua alma.

—Mulleiro Dias, auctor do *Filho das Herbas*, está escrevendo um novo romance intitolado *A paixão da Maria do Ceu*.

—Casaram civilmente: Raul Augusto dos Santos com D. Leonor da Conceição; José da Cruz Maia com D. Fortunata Lourenço; Avelino Martins com D. Conceição de Jesus Fernandes; João da Silva Guimarães com D. Albina de Jesus; Joaquim Albino da Cunha com D. Joaquina dos Santos Palma; José Ignêz Ferreira com D. Bemvinda de Jesus.

— Echos ainda da viagem real ás ilhas.

Foram agraciados: com o titulo de marquez o conde de Jacome Corrêa; com o de visconde de Santa Barbara o commendador Antonio José Machado; com a grã cruz da Conceição o presidente da junta geral do districto do Angra do Heroismo, Fredrico Lopes, com a commenda de S. Thiago os srs. Francisco Perfeito da Silva e Francisco Alfonso de Chaves, director dos serviços meteorologicos das Açores; e com o ordem de cavalleiro o sr. Annibal de Bettencourt Barbosa.

— O pintor Veloso salgado offereceu a El-Rei o quadro que mandou á Exposição de Paris, representando o soberano vestido com a generalissimo, a cavallo, passando revista ás tropas.

— Vae fazer-se experiencia, por tres mezes, d'umas carruagens directas entre Lisboa e Hendaya, sem transbordo em Hespanha, para quem se dirige a França ou de França proceda.

— Os bilhetes de ida e volta, entre Lisboa e Paris, custam 773400 réis na 1.ª classe e 478470 réis na 2.ª classe.

— Ao regressar da sua viagem ao estrangeiro, o director do *Século*, sr. Silva Graça, os seus collegas de redacção e os empregados da administração do seu jornal, offereceram-lhe um banquete, que se realisou em uma das salas do edificio onde e-tão installados os escriptorios do *Século*.

— Casou o medico sr. dr. João dos Santos Jacob com a sr. D. Emma Marcelly Costa, filha do sr. Augusto Costa, proprietario em Leiria.

— O actor Verdial, que parte isto scriptura tomou na revolta de 31 de janeiro, está escriptura para o theatro do Principe Real, de Lisboa.

— O sr. Antonio Nunes Sequeira, importante negociante d'esta praça, casou com a sr.ª D. Elisa da Conceição de Sousa, sendo testemunhas da noiva seus paes, e do noivo seu tio sr. Antonio Simões Sequeira.

— Regressou ao Pará o commerciante Manuel Soares d'Almeida Martins.

— Vae ser nomeado medico da Real Camara o sr. dr. Carlos Tavares.

— Vae ser agraciado com o titulo de conde de Cubi, o sr. D. Alexandre de Loucaes, capitão tenente, filho do conde das Alcaçovas, e casado com a filha do marquez da Praia e de Monforte.

— O sr. visconde de S. Luiz de Braga, empresario do theatro D. Amelia, contractou a celebre actriz franceza Réjane para uma *tou née* ao Brasil.

— Um velho moço de fretes, dos mais antigos que existiam nas esquinas de Lisboa, e que tinha paragem no chiqueiro do lado das ruas de S. João, de nome Luiz Antonio Perez y Alonso, natural de Pontevedra, fallecido agora, deixou uma fortuna de 4000000 réis, da qual são herdeiros seus sobrinhos.

Alonso tinha 67 annos, andava já a custo, apoiado a uma bengala, e fazia ainda recados.

A fortuna é em coupons hespanhoes e um deposito no Monte-pio geral.

— Casou o medico sr. dr. Carlos Vaz com a sr.ª D. Isabel Maria Borges, filha do proprietario do hotel Borges.

— O actor Carlos dos Santos, que é filho do grande-actor já fallecido, o *Santos Piotta*, está traduzindo, com destino a um theatro do Brasil, o drama *Le pont Marie*, de Gaston Marot.

— Apesar da prohibição expressa da lei e das medidas ultimamente recommendadas pelo Governo ás autoridades estava-se jogando em varias praias do paiz. Sabendo-se isto, a policia de Lisboa preparou um assalto ás *batalas* de Cascaes. Como sabia que os proprietarios d'estes estabelecimentos tinham espiões por toda a parte, illudiu-lhes a vigilancia, mandando-lhes partir varios guardas em carruagens, que, ás 11 horas da noite, cahiram de chofre em Cascaes, agarrando, nas duas casas abertas, nada menos de 32 individuos, bastante conhecidos aos quaes foi apprehendido todo o dinheiro. Presos e conduzidos para Lisboa, foram entregues ao tribunal, para onde se removeu toda a mobilia e outros objectos, assim como o dinheiro encontrado em cima das mesas.

Porto. — Já assignou a escriptura da doação que fez para a casa de apra, a sr.ª D. Luiza Joaquina Bruce. Esta doação, de 10 contos de réis para a construcção do edificio, e de 2000 obrigações do emprestimo de 1888, para o custeio, no total de 200 contos.

A doadora é herdeira de Joaquim Antonio de Lima, antigo proprietario da fabrica de tabacos Lealidade.

— De janeiro a junho, concederam-se 12063 passaportes a emigrantes, dos quaes 1057 foram para o Brasil.

— Os gatuos assaltaram a casa de Maria Mexima Me-quita em S. Roque da Lameira, roubando dinheiro e objectos no valor de 1708000 réis.

— Tentou suicidar-se o manipulador de tabacos Francisco Pinto de Freitas. Foi recolhido ao hospital da Misericordia em estado bastante grave.

— Regressou do Brasil com sua esposa o negociante Constantino Nunes de Sá, que era esperado aqui por grande numero de familias.

— Depois de ter prestado contas, deu por terminada a sua missão o commissario executivo da exposição de ceramica. O producto das vendas foi de 824800 réis.

— Suicidou-se José da Silva Leite, funcionario da Alfandega.

— O tribunal do commercio abriu fallencia ao sr. Joaquim da Rocha Coutinho, com fabrica de sapatos de liga no Monte Bello.

— Realisou-se em Rio Tinto a inauguração da primeira escola movel *Maria Christa*, organizada pelo *Commercio do Porto*. A sessão inaugural presidiu o sr. dr. Henrique Carlos de Miranda, que foi secretariado por dois redactores d'aquelle jornal.

— O sr. dr. Miranda, ao abrir a sessão, explicou o que seriam as escolas, e elogiou o benemerito dr. Bento Ferraz d'Araujo. Em seguida, deu a palavra ao sr. Bento Carqueja e aos professores da escola, que fizeram uma exposição dos trabalhos agricolas, terminando a sessão por enviar o seguinte telegramma a El-Rei:

«Os proprietarios do *Commercio do Porto*, incumbidos por um benemerito portuense da fundação das escolas agricolas do paiz, saudam Vossa Magestade no momento da inauguração da primeira d'estas escolas, em que fundam as maiores esperanças para engrandecimento da agricultura portugueza. — *Henrique de Miranda, Francisco Carqueja, Bento Carqueja.*»

— Foi agraciado com a commenda de Christo o commerciante José Novaes Basto.

— O sr. Guilherme Wenceslau Shneider, consul da Russia, officiou á direcção da Associação Commercial, participando que, em março proximo, visitará, em S. Petersburgo, uma exposição internacional de pesca, e pedindo, ara que Portugal concorra a essa exposição.

— Foi apprehendido, na estação de S. Bento, um gerador de gaz acetylene, fabricado clandestinamente por um fabricante da rua de Francos.

— Em Espinho, prepara-se uma *batalha de flores* para o dia 5.

Cavalheiros. — Foi assassinado nos Cabacos um rapaz de 20 annos, filho de Antonio Maria da Corte de Ordenes, freguezia de S. Pedro do Rego. O crime deu-se á sáhaba d'um bailarico, sendo a origem o ciuime.

Beja. — Houve incendio no Moutinho Escuro, propriedade do sr. visconde da Bella Vista, proximo da igreja das Neves.

Bombazill. — Realisou-se no dia 18, na ermida de Dous Ruyros, uma festa em honra de S. Roque, que foi muito concorrida. A missa foi celebrada pelo rev. padre Pares, prior do Senhor Jesus do Carvalho. Ao pulpito subiu o capellão de Obidos, rev. Antonio de Almeida. Depois da festa, effectuou-se a procissão.

Braga. — Casou o sr. Amadeo Alberto de Azevedo Magalhães com sua prima Maria Amélia Vieira Marques.

Cascaes de Vide. — Em Monte Novo foi preso o celebre assassino dos Soutos de Pizão, d'Agua das Maias, freguezia de Bemfeita, que, em 1898, se evadiu da cadeia na noite immediatamente á do seu julgamento. A prisão fez-se a requisição da autoridade de Arganil.

Corneho. — Realisaram-se nos dias 14 a 18 as tradicionais festas de Nossa Senhora do Castello, que foram pouco concorridas.

Coimbra. — No dia 26, ás duas horas da madrugada, quando passava junto do edificio da camara, o policia n.º 13 notou certo ruído dentro. Pouco depois, investigando, descobriu que a porta da entrada para a secretaria municipal se encontrava aberta. Subiu e deparou com o policia n.º 3, José Joaquim Mineiro, que vinha sahindo muito atrapalhado. Apurou que o n.º 3, servindo-se de chaves falsas, conseguira entrar na secretaria da camara, tirando da gaveta do amanuense sr. José Nunes de Mattos, que estava ausente com licença, a quantia de 35850 réis.

Espozende. — Dos estaleiros de Fão foi lançado á agua o novo patacho *Valladares*, propriedade do sr. Valladares, armador de Caminha.

Actualmente constrem-se n'aquelles estaleiros mais dois hiates.

Figueira da Foz. — E' hoje que se realisa a abertura da Exposição Industrial Agricola da Figueira da Foz, com grande numero de productos, alguns de muito valor.

Guimarães. — O barbeiro Gaudencio José Simões, por ao habitar uma esplanada, esta desfechoou-se, indo a bella herir sua irmã Maria José, que ficou em estado grave.

Guimarães. — Foi já removido para a cadeia da Relação do Porto, guardado por uma escolta de infantaria 20. o réu Julio de Campos, presumido assassino do sr. Francisco Martins [Agra].

— No processo, o que é muito volunoso, foram inquiridos mais de 40 testemunhas d'accusação, e são parte todos os irmãos da victima, os quaes constituíram advogados os srs. drs. Avelino Calixto, lente da Universidade, e Gaspar de Azevedo de Lima, juriscunsulto em Guimarães.

Ovar. — Casou o advogado sr. dr. Pedro Valente Ferraz Chaves com a sr.ª D. Maria Adelaide Esteveo Amalia.

Pardees. — A sr.ª condessa d'Edla, viua do rei D. Fernando, vae construir um chalet perto da linha ferrea.

Penaquillo. — Partram para o Rio de Janeiro os dois filhos mais velhos do sr. José Osorio Sarmento Figueiredo, da casa do Pozeiro, de Lobrigos.

Portoalegre. — As festas da inauguração da luz electrica coincidem com a festa annual, que começa no dia 12 e dura 4 dias.

Os artistas do theatro D. Amelia darão dois espectaculos com *Os Velhos* e o *Marquez de Villemar*, nas noites de 13 e 14, e nas outras noites haverá fogo preso e do 10.

Durante os festejos, fr se-hio ouvir a banda d'infantaria hespanhola n.º 41 e a banda d'infantaria 12.

Trocos Vedras. — Victima d'uma congestão, filleeu no hotel Natividade, onde he havia chegado dias antes, o hospede Bernardino Machado Coelho, que, no registro dos banhos, declarou ser proprietario, ter 55 annos, natural de Paredes tendo estado no Brasil duas vezes, a ultima das quaes em 1894. Não foi ainda reconhecida a sua identidade, e na algeibra encontraram-se 2000 réis.

Trocoso. — Foi preso José Neves, por andar a passar notas e moedas falsas, sendo-lhe apprehendidos 50000 réis em moedas de 500 réis, 186 de 100 réis em nickel, 4 de 50 réis e 57 de 20 réis em cobre.

Villa Franca. — Um boi pertencente ao abastado lavrador José Pilha Blanco colheu uma pobre mulher conhecida pela *Anna Tagarella*, que ficou muito ferida.

Fallecimentos

Falleceram de 10 a 31 de agosto:

Lisboa — Anna Carolina de Mattos Nunes, João Antonio do Carmo, Maria Candida Estrella Galvão, Maria Leopoldina de Oliveira Sampaio, Alexandrina Augusta de Mello Xav'er, Maria do Carmo Fonseca Salazar e E. G. Hilari da Conceição de Sousa, José Antonio Pereira, Antonio Miguel dos recintos da Penitenciaría José Maria Marques, da Malhadia, e João Antonio Camarinha, de Alacer do Sa; Jacintho José Pinto da Silva, Paulo Alves Rodrigues, Theresia da Silva Gil Perreira, Palmira Rodriguez Coutinho Garrelon, carb; João Ribeiro, Rui Borges, Joaquim Rodrigues, renador; Maria da Nuzareh B. Franco, Luiz Augusto Gonçalves, Miguel Victoriano F. Silva, grumete; Joaquim Antonio Cardona, Frederico Augusto Pimeneo, Antonio Castanheta, major Joaquim Antonio Pereira, Antonio Loureiro, Antonio da Gloria Santos, Aires Benedicta Miranda Lima, Annibal Manuel das Neves, Gregorio Gallido Crespo de Faria, Antonio Dingo Junior, Francisco Ferraz de Azevedo, Antonio da Silva Gil Perreira, Gregorio José Gomes, Joaquim Maria Leotte, Elisa da Conceição Correia de Lacerda, Guilhermina da Conceição Santos, Antonio Loureiro, Maria Amélia Vaz, João de Azevedo Antonio Loureiro, Miguel Victoriano F. Silva, Abel José Pedro Baptista, Henriqueta de Jesus Cerri, Florinda Ripanotto, Henriqueta Luiza de Sousa, Laura Ferreira da Silva, e Maria do Carmo Sanches Garcia.

Porto — José Ignacio Moreira Rocha Guerra, Francisco de Sousa Carneiro, Sebastião Sandoval, Manuel Maria Nogueira, Vicente da Silva Ramos, Francisco Pereira da Silva, Miguel José dos Santos, Maximiliano Antonio de Almeida, Maria Augusta da Silva Alvares, Antonio de Almeida Campos e Silva, Vazquez Sophianides, Miguel Victoriano F. Silva, Henrique Gomes da Silva, Arnaldo Monteiro Meyrelles, Alexandre Pereira Costa Brandão, Manuel da Encarnação, Beatriz Antonio F. Costa, João Eduardo da Rocha Soares, Francisco Pereira Machado.

Abrantes — Margarido e Silva.
Abrigado — João José Rosa Mendonça.
Alcoabás — Alice Froes de Almeida.
Alcochete — Maria do Patrocinio Teixeira de Azevedo.
Alfama — João Antonio Monteiro.
Almada — Joaquim Bastos.
Avenas de Cima — Maria de Jesus Costa.
Avis — José Maria da Costa.
Bemfeita — João Correia da Silva, Vertiana Maria da Costa, Belluz — Augusto Cesar Ramos.
Braga — Pedro Evaristo, José Antonio Fernandes, Baltazar Maria Oliveira Junior, Adelino José da Silva, Anto-

do Gonçalves, Anna Maria Monteiro, José Joaquim Gomes, Domingos Luati de Goda.

Combrã—José Luiz Lopes, Luís de Albuquerque, general reformado; Francisco Maria e Gertraudes de Brito.

Condeixa—Luciano José de Figueiredo Madeira.

Covilhã—Ayres Pinha, António Gaspar de Mattos.

Esposende—Padre Joaquim de Villas Boas.

Evora—Amao Coelho de Villas Boas.

Léris—Euphemia de Oliveira.

Lousã—Silvestre José Felício, dr. Candido Xavier Nogueira.

Mafra—Jayme Dias Maciel Capucho.

Marvão—L. Soares—José Teixeira da Miranda.

Moita—José Gomes de Lima Galois.

Montealegre—José Gomes Ramalho.

Montemor e Novo—Jacinto Manuel Baptista Pereira.

Nelas—Feliciano Maria de Jesus.

Oliveiras—Anna dos Santos Reyoso.

Proença—Novas—Florinda de Jesus Sequeira.

Poyares—José Ferreira do Carvalho.

Região—Augusto Guedes.

Santarém—Francisco Lobo do Carvalho.

S. Pedro do sul—Seraphim Jorge de Almeyda, natural do

Para.

Sernanheira—Sophia de Mendonça Meilo Dias.

Silves—Mamei Lopes dos Reis.

Sines—Bernardo Keller.

Vaiçães—Manuel Joaquim Baião.

Vila Franca—Joaquim António dos Santos.

Vila Nova da Calveira—Lourinho Afonso da Ponte.

NA FONTE

Ao murmurar das águas, junto ás bilhas,
Dão á língua as cradadas,
Pouco os amos na esph'ra das rodilhas,
E rindo descaradas.

Os segredos das amas e das filhas,
—Historias abafadas,
São postas, em ignobres gizeitilhas,
Na lma das estradas.

Quando voltam á casa dos patrões,
Com medo lhas esqueça,
Fazem logo as mais vivas descrições.

De quanto ouviram murmurar na ponte...
Mas a ninguém pareça
Que alguma d'ellas o que disse conte.

ARILHO MATA.

D'scutiam, calorosamente,
um gallego e um andaluz,
—Tu és um vagabundo,
um parasita!
—Vagabundo e parasita
serás tu!
—Eu — disse o gallego —
como o pão com o suor do
meu rosto.
—E eu com manteiga. São
gostos!

Uma senhora muito espirituosa, disse uma vez a um advogado:
— Não gosto de o ver de togas, parece-me um homem vestido de mulher.
O advogado não respondeu.
— Ora diga-me, continuou ella, para que se disfarçam os advogados em mulher?
— Minha senhora, disse o advogado, é porque temos de falar muito.

Entre esposos:
— Tu sempre és um homem para comprar!... Este peru é mais velho que Mathusalem!
— Perdió, meina, é uma peru, e eu, por dever de cortezia para com o sexo, não me strevi á perguntar-lhe a idade.

TEMPESTADE

O Céu azul, sereno... Um sol doirado,
Engastado no espaço, qual diamante.
A brisa beija a selva frondeante...
Parece tudo um sonho de noivado.

Mas... Eis que, de repente, muda a scena
Na luz pouca, nos prendia e fuscinava.
Na selva rugo agora fera brava...
A brisa que a beijára, leve e amena.

Um véo esbranquiado O Céu encobre,
O leito d'esse rio, altivo e nobre,
Ao som da trovoadra se entumece.

Dansam ás vagas uma valsa louca...
E então, legando á praia espumosa touca,
O rio, estertorando, desfallece.

II

As lagrimas do Céu, agora triste,
Humedecem da Terra a dura face.
Percorre o espaço, ás vezes, luz vivace...
Para onde, oh! sereno azul partiste?...

Como um bando de corvos assustados,
Lá partem pelo espaço as nuvens todas,
Vão celebrar, ao longe, novas bodas...
Fallecem dos trovões os sons pezados.

Pouco a pouco, a serena côr celeste
De novo o firmamento todo veste...
Resurge a calma, vai-se embora a brume.

A brisa já não rugo, só murmura...
E o sol, o loiro sol, passeia a altura
Onde, entre fulvos raios, lá se apruma.

Manhãs, 1900.

GONZAGA ROSAS.

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

XIV

De como a Virgem Maria appareceu a Nela

Este sr. D. Manuel tinha o costume de repetir a ultima phrase das suas tiradas.

— Não se zangue, papá, disse Florentina, voltando da sua infructuosa expedição e pondo-se ao abrigado das abas do chapéu paterno. Bem sabe que sou do da pelo campo; j'elas arvores, pelas flores e pelos rrados selvicos. Como n'aquella triste terra de Campó não ha nada d'isto...

— Não digas mal de Santa Irene de Campó, d'essa villa tão adeantada, onde hoje se encontram todas as commodidades e uma sociedade tão distincta. O progresso e a civilização já lá chegaram... já lá chegaram! Não é necessario andar em correrias para poder admirar a natureza. Também eu admiro sem fazer cabriolas como qualquer saltimbanco. As pessoas educadas e que pertencem a uma sociedade escolhida conhecem-se pelo modo de andar e de olhar.

Esse costume de saltar abas e ohas e dizer ohe, papá! que bonito lo apontando para uma arvore, para uma pedra, para um regato, é de pessimo gosto. São capazes de julgar que foste creada n'um deserto. Quero-te aqui ao meu lado. A Nela nos indicará o caminho, porque realmente nem já sei onde estamos.

— O caminho é así pelo esquerda, tornejando aquella casa em ruínas, disse Nela. E' o mais curto. Ah! vem o sr. D. Francisco.

Efectivamente n'este momento appareceu o patriarcha de Aldeacorra.

— Olhem que estriz o chobocal! bradou elle de longe.

— Então que queres? disse D. Manuel. A culpa é d'esta dovidanas que para ahí tem andado a refoicar.

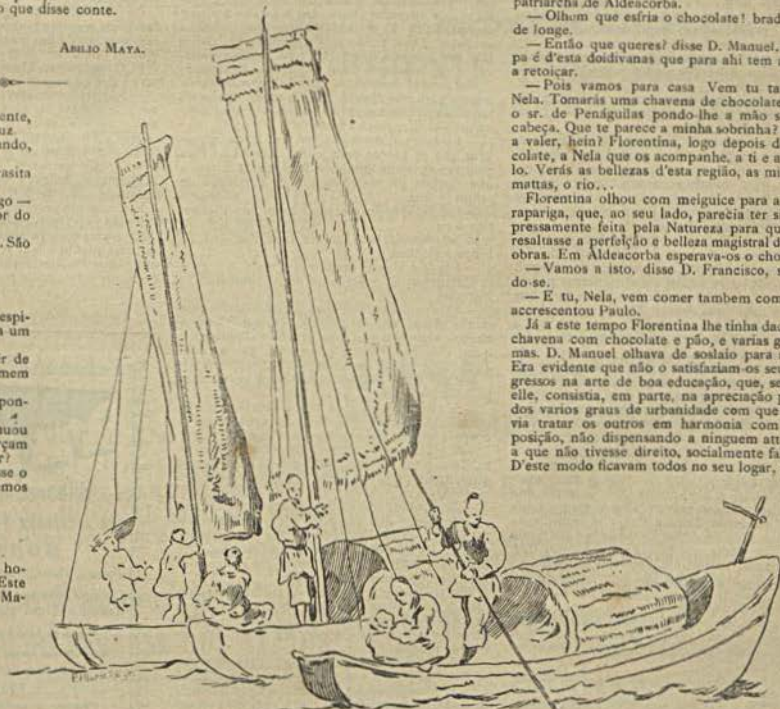
— Pois vamos para casa. Vem tu também, Nela. Tomarás uma chavena de chocolate, disse o sr. de Penquillias pondo-lhe a mão sobre a cabeça. Que te parece a minha sobrinha? Bonita a valer, hein? Florentina, logo depois do chocolate, a Nela que os acompanhe, a ti e ao Paulo. Verás as bellezas d'esta região, as minas, as mattas, o rio...

Florentina olhou com meiguice para a infeliz rapariga, que, ao seu lado, parecia ter sido espiessamente feita pela Natureza para que mais ressaltasse a perfeição e belleza magistral das suas obras. Em Aldeacorra esperava-o o chocolate.

— Vamos a isto, disse D. Francisco, sentando-se.

E tu, Nela, vem comer também connosco, acrescentou Paulo.

Já a este tempo Florentina lhe tinha dado uma chavena com chocolate e pão, e varias golosinas. D. Manuel olhava de soslaio para a filha. Era evidente que não o satisfiziam os seus progressos na arte de boa educação, que, segundo elle, consistia, em parte, na apreciação precisa dos varios graus de urbanidade com que se devia tratar os outros em harmonia com a sua posição, não dispensando a ninguem attentões a que não tivesse direito, socialmente falando. D'este modo ficavam todos no seu logar, e a di-



BARCOS CHINEZES — Illustrações de SCHEMPP (americano)

gnidade de cada um nada soffreria, conservando-se nos limites da cortezia, isto é, sem soberbas perante os ricos, nem humilhações perante os pobres.

— A gente miuda pôde partir, disse D. Francisco mal terminou a primeira refeição. Tu, Paulo, já sabes que de amanhã em diante não poderás sair: é a ordem do Dr. Theodoro Gólfim. Vê, pois, passear os tres. Eu e me irmão vamos dar uma vista de olhos ao dia. Adeus e divertam-se.

Convidados pela amabilidade do gado, Florentina, Paulo e Nela sabiram para o campo.

XX

Os tres

Florentina, mal se viu longe das regras da pragmatica do senhor seu pae, começou a correr alegremente pelos prados, a baloiçar-se aos ramos das arvores, e a colher amoras de silva, tres de cada vez. — Esta para ti, primo, dizia ella, risonha. Esta para Nela. E esta, que é a mais pequena, para mim.

As bandadas de galinhas faziam-lhe soltar gritos de alegria ruidosa. Colhia e provava todos os fructos, verdes ou maduros, ao alcance da mão. Um botânico atacado do delirio das classificações não teria colleccionado com tanto cuidado, como ella colleccionava, flores silvestres que parecia saudarem a elegante rapariga. Com a colheita d'um momento enfiou-as nos boteiros do casaco de Paulo, a cabeça de Nela, e por ultimo os seus proprios cabellos.

— Nela, disse Paulo, não seria melhor ir descendo? Talvez minha prima desajeze vez as minas.

— Pois sim. O caminho é por este lado.

— Vamos lá, disse Florentina, mas não me façam passar por tunetas, que me causam arrispios. Tudo me faz sorrir. Vocês não passaram muito por estes sitios? Bella paisagem! Não se me diga de passar aqui a vida. Abençoado seja o homem a quem deversas o prazer de gosar tantas bellezas!

— Deus o queira. Essas bellezas serão mais apreciadas por mim do que por ti, e por Nela, que estas fartas de ver. Mas não julgues tu, Florentina, que eu não comprehendo as coisas bellas. Presento-as tão bem, que quasi suppro com o pensamento a falta de vista.

— Deversas! Pois por mais que digas, quer-me parecer que roffrerás grandes decepções apenas abras os olhos.

— Talvez, murmurou o cego, que n'aquella manha estava muito laconico.

Nela não dizia palavra.

— Ao acercarem-se da Terrivel, Florentina parou a admirar o espectaculo surprehendente que offereciam os rochedos cretaceos que se conservaram de pé no solo excavado. Na sua linguagem pittoresca, comparou-os a grandes montões de bolos, ligados entre si por traços de argamassa, e a um colossal alto relevo de cães e gatos petrificados.

— Sentemo-nos neste declive, disse ella. De aqui devemos vêr passar os wagons de mineral. Bonito sitio! Ora vejam aquelle enorme pedregulho que parece estar de bocca aberta e que tem um palito nos dentes. Afinal o palito é um arbusto que alça a cresta real. Diz-se-a que está a rir para nós e que tem olhos. E aquella pedra covocada... E a outra, logo no pé, que está fumando de cachimbo... Olha, Nela: vê aquellas duas que se agatanham enfurcaditas... E a que bojeia... E a outra que figura um macaco... E aquella que sustenta com os pés uma cathedra... E aquella que é metade viola e acaba por uma cabeça de cão com barrete em forma de cafeteira...

— Tudo isso que dizes, primo, interrompeu o cego, prova-me que com os olhos se veem muitos dispatieros, do que se deve concluir que esse orgão precioso serve muitas vezes para nos mostrar as coisas desfiguradas, alterando-lhe as verdadeiras formas. Afinal a verdade é que o que vêes na tua frente está tudo menos bolos, gatos, cães, palitos, cathedras e cafeteiras. Acóló só há rochedos e terra, unidos pelo oxido de ferro. Das coisas mais simples fazem os teus olhos um cavallo de batalha.

— Tens razão, respondeu Florentina. A nossa imaginação vê mais do que os nossos olhos. Entretanto os olhos fazem-nos descobrir certas particularidades...

E, pondo a mão no hombro de Nela, acrescentou:

— Porque é que esta pobre Nela anda tão mal vestida e eu tenho tantos vestidos? Fica por minha conta...

Nela estremeceu, e baixou os olhos, envergonhada.

— Uma coisa que eu não comprehendo, proseguiu Florentina, é que as tuas tenham tanto e outros tão pouco... Chego a indignar-me quando me pae se revolta contra os que querem que as riquezas sejam repartidas igualmente por todos. Que nome se dá a esses propagandistas, Paulo?

— São talvez socialistas, ou communistas, respondeu o cego, sorrindo.

— Pois é essa a minha gente. Opino pelas partihas e por que os ricos deem aos pobres aquilo que lhes sobeja. Porque motivo ha-de esta pobre orphã andar descalça e não eu? Direi mais: nem aos meus se deve negar protecção. Nela é boa: disse-me-o tu hontem a noite e disse-m'o teu pae. E não tam familiar, nem quem veio por ella! Pois consente-se que haja tantos infelizes? Sahe-me o pío a lagrimas quando penso que aqui quem morra de fome. Pobre creança! Tão boa e tão abandonada! Pois é possível que ninguém a ame, que ninguém lhe tenha dado um beijo amigo, que ninguém a acaricie? E profundamente...

Marianela estava attonita e como que petrificada. Devia ser assim a Virgem por ella phantasiada.

— Ouve, Nela, continuou Florentina, e ouve tu tambem, Paulo: quero ser a sua protectora, mas protego-a-hei, não como se protege um mendigo ao acaso, mas como se fôr minha filha. Não te dá tu, que és a tua mãe, o melhor companheiro, o teu cão de cego, o teu guia? Não dizes que ves pôs seus olhos? Pois bem: desde hoje a tu Nela pertence-me. Encarregamo de a vestir, e de lhe fornecer tudo de que necessitar para viver decentemente, e ensinar-lhe-hei quanto uma mulher deve saber. Meu pae diz-me sempre deves casar com o primeiro que se succeder, Nela viverá em minha companhia. E aprenderá a lêr, a tezar, e a coser e a cosinhar. Quero que saiba tanto como eu. Pois então! Nela ha-de ser uma senhora. Quero-o eu, e é o bastante para que meu pae não me contrarie, sobretudo se se realisar a sua prophacia de que, talvez em breve deves mandar em mim. Mas succede o que succeder, Nela será a minha amiga e companheira. E tu serás minha amiga? Infeliz creança! Tens vivido tão desamparada, pobre flor dos campos, que talvez nem saibas agradecer. Depois sabers tudo o que deves ignorar...

Marianela, ouvindo-a, fazia esforços sobre-humanos para não chorar. Mas ás ultimas palavras os olhos encheram-se de lagrimas. Paulo conservava-se silencioso e abstratto.

— Florentina, disse elle por fim, a tu linguagem não se parece com a dos outros. As tuas palavras revelam uma grande bondade, como a que encheu de martyres a terra e povooou de santos o ceu.

— Crede! que exaggeração! exclamou Florentina.

E affastou-se para colher uma flor que de longe a atrahia.

— Foi-se embora? perguntou Paulo.

— Está acóló, respondeu Nela, limpando as lagrimas.

— Sabes uma coisa, Nela? Affigura-se-me que minha prima deve ir fórrada. Quando hontem chego senti por ella uma grande antipathia... quanto averção. Hoje... parece-me, não sei porquê, que deve ser formosa...

— Pelas faces de Nela deslissavam agora duas grandes lagrimas.

— E' bonita como os anjos exclamou ella soltoçando. Parece que veiu do ceu! Nela o corpo e a alma são como as lagrimas.

— Exageras por certo... disse Paulo inquieto. Não pôde ser tão bella como dizes. Julgas que eu, mesmo cego, não sei o que seja a formosura?

— Não sabes! não pôdes saber-ló!

— Repito-te que não pôde ser o tu bella, insinua Paulo, emphaticamente e cada vez mais inquieto. Ouve, Nela: sabes o que meu pae me disse hontem? Que Florentina será minha mulher logo que eu recobre a vista.

Marianela não respondeu. As lagrimas corriam uma a uma, silenciosamente, cahindo-lhe sobre as mãos. Mas essas lagrimas não mediam toda a grande extensão da sua dôr, dôr que só ella sabia só soffrir.

— Chorrás! disse o cego. Não chores. Meu pae não me impôr a tua vontade. Para mim ha só uma mulher no mundo: é tu tu. Quando os meus olhos virem, se virem, só terão vista para verem a tu formosura celestial. Tudo o mais se perderá na sombra, confusamente. Como é o sem-

blante humano, Deus meu? De que modo se retrata a alma nas physionomias? Se a luz nos não revela uma nova face do nosso pensamento, para que serve a luz? Pois o que é o que se sente não são como a mesma coisa? A forma e a idéa não são como o calor e o fogo? Podem acaso separar-se? Pois é possível que tu deives de ser para mim o meu bello e o meu amado de todos os seres da terra quando eu entre nos immensos domínios da fórra?

A chegada de Florentina interrompeu-o. Fallaram ainda durante minutos. Mas, depois do que deixamos escripto, nada do que se disse é digno de ser transmittido ao leitor.

XVI

A promessa

Nos dias seguintes nada occorreu que mereça mencionarse. Mas em um desses dias deueu-se um acontecimento assombroso, capto, culminante...

Theodoro Gólfim, o artifice sublime, em cujas mãos a pupilla parecia o cinzel do genio, emprehendera a grande obra de corrigir um erro edicadissimo da Natureza. Intrepido e sereno, enlátrica, com a sua sciencia e a sua experiencia, no maravilhoso recinto, cuja construcção é um compendio e um resumo da immensa architectura do Universo. Era necessario atacar de frente os grandes mysterios da vida, interrogal-os, e investigar as causas que vedavam aos olhos de um homem o conhecimento da realidade. Para isso urgia operar affoutamente, romper com mão firme um dos mais delicados organismos — a cornes — apoderar-se do crystallino, respeitando a hyaloide e tratando com a maior delicadeza o humor vitreo, dilatar com a corte as dimensões da pupilla, e examinar por indução, ou por meio da catoptrica, o estado da camara posterior.

Poucas palavras se seguiram a esta arriscada expedição ao interior d'um mundo microscopico, empreza não men's colossal do que a medida da distancia dos astros na infinita grandeza do espaço.

Os que assistiram a essa operação estavam silenciosos e commovidos, como se se tratasse da resurreicção de um morto ou da creação de um mundo novo.

Por sua parte, Theodoro Gólfim apenas soltava palavras vagas:

— Pupilla contracta... sensibilidade da retina... tanto ou quanto do estado pigmentario... nervos cheios de vida...

Mas o phenomeno sublime, o facto, a visáo! onde estava tudo isso?

— O que fôr soár, disse Theodoro, dando principio á delicada operação da vendagem-Pacencia...

E a sua physionomia conservava-se impassivel, sem exprimir desalento, ou triumpho. Não dava esperanças, nem as tirava. A sciencia fiera tudo quanto sabia. A Natureza, que não permite que lhe devassem os segredos, permanencia muda e reservada perante tanta audacia.

(Continúa.)

Bilhares de precisão

COM A CHARRA TABLETA AMERICANA

MONARCH

Pannos, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade—Cartas, Tentes e Fizas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Souza

48 - Rua Nova de Almeida - 28

CASA FUNDADA EM 1842.

LISBOA

Fazem o catalogo illustrado

A EQUITATIVA

Dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Sede social: Rua da Candelaria, 7—Rio de Janeiro

FILIAL EM BELEM DO PARÁ—SUCCURSAL EM MANAOS

Auctorizada a funcionar pelos Decretos n.ºs 2.245
de 23 de Março de 1896, 3.272 de 8 de Maio de 1899 e 3.304
de 30 de Maio do mesmo anno

SEGUROS SOBRE A VIDA

O seguro de vida na EQUITATIVA representa para o rico um excelente meio de preparar o dote dos seus filhos, assegurando-o desde logo, se fallecer prematuramente; para o pobre é a melhor garantia para o amparo da sua familia se fallecer dentro do prazo do seu contracto e, para si, um optimo arrimo para sua velhice se sobreviver.

Os contractos da EQUITATIVA, ao fim de tres annos, não caducam mais por falta de pagamento dos premios, apenas o seguro fica reduzido proporcionalmente ás prestações já pagas pelo se- curado.

Toda a pessoa previdente deve possuir uma apolice da EQUITATIVA porque, nas suas numerosas combinações de seguros de vida, estão previstos todos os actos de previdencia mediante os quaes, com modica contribuição annual, semestral ou mesmo mensal, o rico e o pobre podem garantir-se a si e aos seus contractados das vicissitudes da existencia.

A EQUITATIVA roga ás pessoas que lerem este annuncio que examinem com attenção os seus estatutos, tabeellas e relatorios que são encontrados em Manaoas nas mãos do seu representante a. sr.

Antonio Ferreira de Andrade

o qual lhes prestará tambem todos os esclarecimentos e informações que desejarem sobre esta utilissima instituição.

Rua Henrique Martins, 27. MANAOS



As mais Utilidades de Portugal
USO INTERNO—Estomago, gaza, rheuma-
to e articular, diabetes
USO EXTERNO—Humistimo, gaza, scia-
cia, DOENÇAS UTERINAS, etc.

HOTEIS E CASINO

Instalado nas mais confortaveis e comple-
tas de Portugal. E este estabelecimento abre em
15 de maio e fecha em 15 de outubro
Cerveja e outros Garagens—CUCOS

TOMES VEDAS

JOÃO BASTOS & C.^{TA}

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA—Rua da Prata, 14. 1.

HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

PARTE (Rua de St.º Antonio
Rua Sá de Bandeira, 80)


CESAR A. PAIVA
CIRURGIÃO DENTISTA
1122
SUAS Magestades e Altezas
CONSULTORIO
R. od Arsenal, 100. 1.
LISBOA

Estabelecimento dentro do mesmo prédio.
Casa montada sob a organização dos estab-
lecimentos congêneres do estrangeiro. Venda de
todas as artigos indispensaveis

COMPANHIA

PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

Dr. Manoel Gomes Malta
DIRECTORIA Joaquim Dias Fernandes
Luiz Duprat

SEDE: RECIFE—RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

CASA ANCORA

MESQUITA & MACHADO

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Grande sortimento
e variedade de artigos. O primeiro ponto
de reunião de Manãos

RUA MARQUEZ DE SANTA CRUZ

E RUA MARECHAL DEODORO

MANAOS

Agencia Financial

DE
PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica
portuguesa, fundada e amortisavel nos termos da legislação vi-
gente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA
GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em to-
das as capitaes de districto e sedes dos conce-
lhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brazil e Africa com grande desconto

— Sempre as ultimas novidades —

RUA DO ALECRIM, 111, 1.ª

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Geréz, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellentre parque com jardim, bosques com arvoredos de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma disposição corno não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ:

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA:

Casa dos Oito Globos

Rua Augusta, 286



Livros uteis e instructivos

Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edicões da Empresa Editora de Arthur da Silva, Rua dos Douradores, 72, Lisboa.

HISTORIA UNIVERSAL.—C. Cantos—Desde a creação do mundo até á nossa epoca. Traduzida por Manoel Bernardes Barboza, 15 volumes, in-4.º gr., 3.ª edição, com 550 pag. e 81 gravuras, br. 158000
Em encad. letreira. 158000
1878.—G. Cantos Versão pelo visconde de Caullery.—in-8.º, com 212 paginas e retrato do sector, br. 500
Em encad. letreira ou 1/2 inglesa. 800
DICIONARIO ENCYCLOPEDICO OIL NOVO DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.—Ed. Jo e M. A. G. de Lacerda.—Diccionario de synonymos.—Vocabulario da lingua Brasileira. O Typo.—Vocabulario do daktlo Guarany, 3 vol. in-folio, 3.ª edição, com 240 pag. rúst. int. 728000
HISTORIA DAS PERSIGUIÇÕES POLITICAS E RELIGIOZAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade média até aos nossos dias.—Verdade do hespanhol por L. Trindade, 3 vol., in-8.º, com 1242 pag. e 12 grav. Fez. 18000
Em 1/2 encad. francesas. 18000

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRAZIL).—Sebastião da Rocha Pittas.—Desde o anno de 1500 até o de 1712.—Revisão e actualizada por J. Gonçves Gons, in-8.º grande, 1.ª edição de luxo 435 pag. e com 10 grav. e um mappa, broch. 8700
Em 1/2 encad. frs. ord. 12500
RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL.—Silveira Pina e Visconde de Sanches de Basina.—1 vol. in-4.º grande, com 1343 pag., edição de luxo, com gravuras de armas no texto, br. 48000
Em 1/2 chagris, capa especial. 13000
O ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA.—D. Miguel de Cervantes Saavedra.—Versão do Visconde de Benicany. 2 vol. in-8.º, com 1121 pag. e 31 grav. broch. 2800
Em 1/2 encad. francesas. 28000
OS SETEÕES D'AFRICA.—Alfredo Sarmiento.—Apontamentos de viagem, in-8.º, com 251 pag. e 15 grav. e 1 mappa do Brazil, br. 500
Em 1/2 encad. francesas. 500

LA UNION Y EL PENIX ESPAÑOL

Capital social 2.000.000.000 rs.

15.000.000.000 réis

De minimumo pago desde 1864 até 1895

PRELIMINAR E RESERVA 5.000.000.000

Pagares contra letreiros, applicados da guerra e mar

Equator Atlantique & Union Maritime

Companharia Francaza creada no anno 1864 e a cargo de Francisco de Aguiar e Silva

DIRECCION.—Lima Mayor & Pina

Lisboa.—Rua da Prata, 20.º 2.º

HOTEL DURAND

English Hotel—Lisboa

1, Rua das Flores—Largo do Quizella

Este hotel, situado na parte mais central de Lisboa, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo —juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2% de 10 e 50 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 1/2% e commissão de 1/4% de 1 a 9 annos. Depositos: accitam-se a prazo os 4 ordens, vencendo 3 1/2% a ordem e 3 1/2% ao prazo de 1 meez; 3 1/2% a 6 e 4 1/2% ao anno. Propriedades: a Companhia tem todas as propriedades no reino e nas ilhas que vende a proprio ou a premio. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer dos negocios da Companhia.